



**UNIVERSIDADE FEDERAL DO AMAPÁ
PRÓ REITORIA DE PESQUISA E GRADUAÇÃO
GRADUAÇÃO EM ARQUITETURA E URBANISMO**

ROSANA DOS SANTOS PALMERIM

**UMA PROPOSTA PAISAGÍSTICA E URBANÍSTICA
PARA ORLA DO MUNICÍPIO DE OIAPOQUE**

**Santana-Amapá
2014**



ROSANA DOS SANTOS PALMERIM

**UMA PROPOSTA PAISAGÍSTICA E URBANÍSTICA
PARA ORLA DO MUNICÍPIO DE OIAPOQUE**

Trabalho de Conclusão de Curso
apresentado ao Curso de Arquitetura e
Urbanismo da Universidade Federal do
Amapá, como requisito parcial à obtenção
do título de Bacharel.

Orientador: Prof. MsC. José Marcelo
Martins Medeiros

**Santana-Amapá
2014**

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
Biblioteca Central da Universidade Federal do Amapá

712.2
P172p Palmerim, Rosana dos Santos

Uma proposta paisagística e urbanística para orla do município de
Oiapoque / Rosana dos Santos Palmerim -- Santana, 2014.

61 p.

Orientador: Prof. MS. José Marcelo Martins Medeiros

Trabalho de Conclusão de Curso (graduação) – Fundação Universidade
Federal do Amapá, Coordenação do Curso de Bacharelado em Arquitetura
e Urbanismo.



ROSANA DOS SANTOS PALMERIM

**UMA PROPOSTA PAISAGÍSTICA E URBANÍSTICA
PARA ORLA DO MUNICÍPIO DE OIAPOQUE**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Arquitetura e Urbanismo da
Universidade Federal do Amapá, como requisito parcial à obtenção do título de
Bacharel.

BANCA EXAMINADORA

Prof. MsC. José Marcelo Martins Medeiros

Orientador

Prof. MsC. Pedro Tércio Mergulhão

Membro

Prof. Msc. Elizeu Corrêa

Membro

**Santana - Amapá
2014**

**Termo de Autorização para Publicação de Trabalhos de Conclusão de
Curso na
Base de TCCS da UNIFAP**

Na qualidade de titular dos direitos autorais da publicação, autorizo a UNIFAP a disponibilizar através do site <http://www.unifap.br/biblioteca>, sem ressarcimento dos direitos autorais, de acordo com a Lei nº 9610/98, o texto integral da obra abaixo citada, conforme permissão assinalada, para fins de leitura, impressão e/ou download, a título de divulgação científica brasileira, a partir desta data.

Nome da Acadêmica: ROSANA DOS SANTOS PALMERIM
Matrícula: Nº 200904208
Curso: ARQUITETURA E URBANISMO
Nome do (a) Orientador (a): PROF. MSC. JOSÉ MARCELO MARTINS MEDEIROS
Título do TCC: UMA PROPOSTA PAISAGISTICA E URBANÍSTICA PARA A ORLA DO MUNICIPIO DE OIAPOQUE
Data da Defesa: 10/02/2014
Endereço para Correspondência: RUA JOSE TRAJANO DE SOUZA, 1025
Telefone de Contato: (96) 81048419
Email: rosanapalmerim@unifap.br

Macapá –Ap; 19 de maio de 2014

Rosana dos Santos Palmerim
Assinatura da Autora

Prof. MsC. Jose Marcelo Martins Medeiros
Assinatura do Orientador

Dedicatória

Á Maria Santíssima, meus pais e irmãos (*in memória*), minha filha Andressa, meus irmãos Alice e Gilmar Palmerim pelo apoio incondicional em todos os momentos.

AGRADECIMENTOS

A Deus e a minha protetora espiritual pela vida, saúde e sabedoria.

Ao ilustríssimo e querido Professor José Marcelo pela brilhante orientação e contribuição que foram fundamentais para a elaboração desta pesquisa.

Aos professores do colegiado de Arquitetura e Urbanismo pelo conhecimento adquirido ao longo dos cinco anos do curso e em especial ao Professor Tostes, Professor Jadson e Amiga Lucia Furlan os grandes responsáveis por esta maravilhosa e gratificante aventura.

Aos meus colegas da Turma AU.2009 pelo carinho e incentivo nos momentos difíceis em especial aos amigos Dionatan Andrade, Marcela Calandrine, Robson Araújo e Tércio Renato que não mediram esforços para dar sua generosa contribuição e que sem esse ombro amigo não seria possível realizar esta árdua missão.

Aos meus irmãos Adimar, Arismar, Angelo, Angela, Lindacy, Gisele e Rosangela, cunhada Aninha e afilhada Ananda Machado que não deixaram esmorecer nos momentos de desespero e aflição.

Ao Jaime Lopes que mesmo sem entender essa vida de arquiloucos deu sua parcela de contribuição.

Aos motoristas da UNIFAP, Elson, Batista, Toninho e Zenildo pela carinho e paciência nas idas e vindas para o Município de Oiapoque.

Aos colegas do Campus de Santana em especial a Amiga Dinah e a todos que de alguma maneira ou de outra contribuíram na elaboração do meu TCC.

Ao querido amigo jornalista, historiador Edgar Rodrigues que cedeu humildemente seu generoso tempo, contribuindo com seus conhecimentos, suas inúmeras histórias sobre o nosso estado, a quem devo o meu total respeito e gratidão.

À todos o meu eterno e sincero agradecimento.

Não choremos jamais a mocidade!
Envelhacamos rindo! Envelheçamos
Como as arvores fortes envelhecem,

Na glória da alegria e da bondade
Agasalhando os pássaros nos ramos,
Dando sombra e consolo aos que padecem!

Olavo Bilac

RESUMO

A pesquisa refere-se a uma proposta paisagística e urbanística para a Orla do Município de Oiapoque, situado ao norte na fronteira Brasil e Guiana Francesa, distante 600 km da capital Macapá. O trabalho propõe um novo uso para Orla, proporcionando espaços para contemplação, turismo, entretenimento, lazer, além da preservação e valorização da paisagem natural da Orla, proporcionando um corredor verde e turístico como uma ferramenta natural e de relevância para a cidade, levando à conscientização da comunidade, visitantes e turista no que tange aos aspectos sócios econômicos e culturais. O referencial teórico apropriou-se da Ecogênese de Fernando Chacel que define três tipos de conceito na paisagem urbana, o modelo mangue, o modelo restinga e o modelo parque que foi escolhido para a proposta da Orla. E para obter os resultados propostos, utilizou-se o método quantitativo e qualitativo prevalecendo de estratégias para alcançar os objetivos que foram divididos em 03 fases: diagnóstico, plano conceitual e partido. A pesquisa foi estruturada em cinco capítulos.

Palavras Chaves: Orla de Oiapoque. Ecogênese, Paisagismo ecológico.

RÉSUMÉ

L'enquête se réfère à un paysage urbain et proposition pour Orla Oyapock municipalité , située dans le nord en bordure du Brésil et de la Guyane , éloignés à 600 km de la capitale Macapa . Le document propose une nouvelle utilisation pour Orla , offrant des espaces de contemplation , le tourisme , le divertissement , les loisirs , ainsi que la préservation et la valorisation du paysage naturel Rim , fournissant un corridor vert et touristique comme un outil naturel et la pertinence de la ville , conduisant à sensibilisation de la communauté , les visiteurs et les touristes en ce qui concerne les aspects économiques et socio- culturelles . Le théorique approprié les Ecogênese Fernando Chacel qui définit trois types de concept dans le paysage urbain , le modèle des zones humides , le modèle et le parc des bancs de sable de modèle qui a été choisi pour le projet de Rim . Et pour les résultats proposés , nous avons utilisé des méthodes quantitatives et qualitatives en vigueur des stratégies pour atteindre les objectifs qui ont été divisés en 03 étapes: diagnostic , le plan conceptuel et partie . La recherche a été structurée en cinq chapitres .

Mots clés: Orla Oyapock . Ecogênese, l'aménagement paysager écologique .

LISTA DE FIGURAS E TABELAS

Figura 01 - Imagem atual da Oral de Oiapoque.....	04
Figura 02 – Imagem atual da Orla de Oiapoque.....	04
Figura 03 – Maquete do Projeto atual de Revitalização da Orla de Oiapoque.....	04
Figura 04 - Ponte Binacional (lado Francês)	05
Figura 05 – Ponte Binacional (lado Brasileiro)	05
Figura 06 – Localização do Município de Oiapoque e da Orla.....	18
Figura 07 – Localização da área do Parque da Gleba E, Parque Melo Barreto e.....	32
Figura 08 - Localização da área da Fazenda Restinga-.....	32
Figura 09 – Modelo Mangue.....	32
Figura 10 –Modelo Restinga	32
Figura 11– Modelo Parque	32
Figura 12 – Vista Área da Gleba E (antes).....	32
Figura 13 –Planta baixa de implantação da Gleba E.....	33
Figura 14–Planta de implantação do Parque Melo Barreto.....	34
Figura 15 – Vista dos manguezais do Parque Melo Barreto.....	33
Figura 16 – Planta implantação da Orla de Guaíba.....	38
Figura 17 – Maquete eletrônica da Orla de Guaíba.....	38
Figura 18 – Maquete da Orla de Guaíba.....	38
Figura 19 – Maquete da Orla de Guaíba.....	38
Figura 20 – Setorização da Orla de Guaiba.....	38
Figura 21 – Quiosques da Orla de Copacabana.....	40
Figura 22– Estátua de Drummond de Andrade	40
Figura 23 – Calçadão da Orla de Copacabana.....	40
Figura 24 – Orla da Praia de Iracema (noite).	41
Figura 25 – Orla da Praia de Iracema(dia).....	41
Figura 26 – Píer com imagem de Iemanjá.....	41
Figura 27– Maquete eletrônica da Praia de Iemanjá.....	42
Figura 28 – Orla da Praia Ponta Verde em Maceió.....	43
Figura 29 – Orla da Praia Ponta Verde em Maceió.....	43
Figura 30 – Orla de Belém (estação das docas)	44

Figura 31 – Orla de Belém (Ver-o-Peso)	44
Figura 32 – Nova orla de Belém.....	44
Figura 33 – Orla de Belém.....	44
Figura 34 - Orla de Alter do Chão em Santarém.....	45
Figura 35 – Orla de Alter do Chão em Santarém.....	45
Figura 36 – Orla de Macapá	46
Figura 37 – Orla de Macapá.....	46
Figura 38 – Nova proposta da deck para Orla (maquete).....	48
Figura 39 – Atual deck da Orla.....	48
Figura 40 – Nova Proposta de Píer (área leste)	48
Figura 41 – Cais improvisado (área leste)	48
Figura 42 - Proposta de pavimentação, para rua em frente a orla como novos quiosques e arborização (maquete).....	48
Figura 43 – Rua Joaquim Caetano da Silva (frente da orla.....	48
Figura 44 - Espécies utilizadas na pesquisa.....	53

TABELA

Tabela 01- Gráfico de uso e ocupação do orla.....	14
---	----

LISTA DE IMAGENS

	14
Foto 01 – Casa mista (madeira e alvenaria)	
Foto 02 – Casa em madeira.....	
Foto 03 – Prédio em alvenaria com 03 pavimentos.....	14
Foto 04 – Casa tipo conjunto.....	14
Foto 05 – Hotel com 05 pavimentos.....	14
Foto 06 – Casa mista (madeira e alvenaria.....	14
Foto 07 – Grama esmeralda.....	52
Foto 08 – Grama esmeralda.....	52
Foto 09 – Helicônias bico da guará.....	52
Foto 10 – Ipê Amarelo.....	52
Foto 11 –Sibriuna.....	52
Foto 12 –Flores Silvestres	53
Foto 13 – Orquídeas	53
Foto 14 – Orquídeas	52
Foto 15 – Orquídeas	53

LISTA DE QUADROS

Quadro 01 - Áreas de intervenções (leste, central e oeste)	13
Quadros 02 – Principais Instituições da Orla e do entorno.....	10
Quadro 03 – Planta baixa do projeto.....	11
Quadro 04 – Mapa do relevo natural de Oiapoque.....	12
Quadro05 – Mapa de vegetação vegetadas da	12
Quadro 06 –Mapa de insolação, ventilação e principais acessos.....	13
Quadro 07 – Visuais de interesses agradáveis.....	15
Quadro 08 - Visuais de interesses desagradáveis.....	15
Quadro 09 – Plano Conceitual do Projeto	16
Quadro 11 – Planta baixa da área central da Orla de Oiapoque.....	17
Quadro 12 - Volumetria do Píer.....	17
Quadro 12 – Morfologia Urbana.....	19
Quadro 13 - Topografia do Município de Oiapoque	21
Quadro 14 – Mapa de uso e ocupação do solo do Município de Oiapoque.....	22
Quadro 15 – Mapa de uso e ocupação.....	23
Quadro 16 – Mapa de Zoneamento.....	24

LISTA DE SIGLAS

- ABAP** – Associação Brasileira de Arquitetos Paisagística
- ACIBARRA** – Associação Comercial e Industrial da Barra da Tijuca
- CAESA** – Companhia de Água e Esgoto do Amapá
- CEP** – Convenção Europeia da Paisagem
- CIOSP** – Centro Integrado de Operações e Segurança Pública
- CONPLAC** – Consultoria, Planejamento e Construção LTDA
- FUNAI** – Fundação Nacional do Índio
- GEA** – Governo do Estado do Amapá
- IBGE** - Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística
- IPLAN** – RJ - Instituição de Planejamento da Barra da Tijuca
- JBRJ** - Jardim Botânico do Rio de Janeiro
- ONG'S** - Organização Não Governamental
- ONU** – Organização das Nações Unidas
- PDUO** – Plano de Desenvolvimento Urbanístico de Oiapoque
- PMO** - Prefeitura Municipal de Oiapoque
- UNIFAP** – Universidade Federal do Amapá

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	01
JUSTIFICATIVA.....	03
OBJETIVOS.....	07
I-PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS E ETAPAS DA PESQUISA.....	08
1.1 - O Diagnóstico.....	08
1.1.1 - Caracterização do contexto urbano do espaço livre de intervenção.....	08
1.1.2 - Caracterização do sitio físico e do microclima.....	11
1.1.3 -Caracterização dos atuais usuários do espaço livre e da comunidade residente no entorno.....	13
1.1.4 - Caracterização geral do espaço livre público.....	14
1.2 - Plano Conceitual.....	16
1.3 - O Partido Geral.....	16
II - CAPÍTULO: CARACTERIZAÇÃO DA ÁREA.....	18
2.1 - Evolução histórica do Município de Oiapoque.....	18
2.2 - O perímetro de estudo e recorte temporal.....	19
2.3 – Os aspectos urbanos da Cidade de Oiapoque.....	19
2.3.1 - Morfologia Urbana.....	20
2.3.2 - Topografia.....	21
2.3.3 - Uso e ocupação do solo.....	22
2.3.4 - Zoneamento.....	23
2.3.5 - Legislação.....	24
III - CAPÍTULO: ARQUITETURA PAISAGÍSTICA E SUA TRAJETÓRIA.....	25
3.1 - Trajetórias do Paisagismo no Brasil.....	25
3.2 - A importância do projeto paisagístico.....	26
3.3 - A evolução das linhas de pesquisas paisagísticas.....	27
3.4 - O Paisagismo ecológico de Fernando Chacel.....	28
3.5 - O Conceito da Ecogênese.....	29
3.6 - Estudo da paisagem como contribuições ao Paisagismo ecológico.....	30
3.7 - Estudo de Casos: Parque Gleba E, o Parque Mello Barreto e o Parque Fazenda da Restinga- atual Barra da Tijuca.....	31
3.7.1 - O Parque Gleba E.....	32
3.7.2 - O Parque Ambiental professor Barreto.....	34

3.7.3 – O Parque Fazenda da Restinga- atual Barra da Tijuca.....	35
VICAPÍTULO: ORLAS BRASILEIRAS SEUS ENCANTOS E DESENCANTOS.....	37
4.1- Região Sul.....	37
• Orla de Guaíba – Porto Alegre.....	37
4.2 - Região Sudeste.....	39
• Orla da Praia de Copacabana.....	39
4.3 - Região Nordeste	41
• Orla da Praia de Iracema (Fortaleza).....	41
• Orla da Praia de Iemanjá (João Pessoa).....	41
• Orla da Praia de Ponta Verde (Maceio).....	42
4.4 – Região Norte	43
• Orla de Belém do Pará.....	43
• Orla de Altér do Chão em Santarém.....	45
• Orla de Macapá- Amapá.....	47
• Orla de Oiaoque (atual proposta e realidade)	48
V - CAPÍTULO: A PROPOSTA PAISAGÍSTICA E URBANÍSTICA PARA ORLA URBANA DO MUNICÍPIO DE OIAPOQUE.....	66
5.1 - Espécies Nativas e Exóticas da Orla de Oiaoque.....	66
5.2- MAPA BOTÂNICO.....	68
5.3 - MEMORIAL DESCRITIVO E JUSTIFICATIVO.....	74
5.4- PROGRAMA DE NECESSIDADES	77
5.5 - A PROPOSTA E SUA IMPORTANCIA.....	86
5.6 - A VOLUMETRIA.....	89
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	90
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	91
APÊNCICE.....	94
PRANCHAS.....	95
PLANTA BAIXA GERAL DA ORLA DE OIAPOQUE.....	1/6
PLANTA GERAL DA AREA EM ESTUDO (área central)	2/6
PLANTA DE PISO DA ORLA DE OIAPOQUE.....	3/6
PLANTA DE PAISAGISMO.....	4/6
PLANTA DE DETALHAMENTO.....	5/6

PLANTA DE DETALHAMENTO VOLUMETRIA.....6/6

INTRODUÇÃO

A pesquisa refere-se a uma proposta paisagística e urbanística para a Orla do Município de Oiapoque, criado em 23 de maio de 1945, através da lei 7578 e está localizado ao norte do Estado do Amapá a 600 km da capital na fronteira Brasil e Guiana Francesa.

A cidade foi escolhida por dois motivos, o primeiro por fazer do grupo de pesquisa “Percepção da Paisagem Urbana” no corredor transfronteiriços: do Porto de Santana a Cayenne e o segundo motivo, por possuir características comuns entre a cidade de Macapá e Santana, ambas banhadas por um rio e com grande potencial turístico e econômico, além de está localizada na parte mais setentrional do estado do Amapá, contudo, apresenta características bem diversificadas e diferenciadas, sejam paisagísticas, culturais, econômicas, arquitetônicas e principalmente na paisagem urbana. No entanto, se faz necessário compreender esta dinâmica social cultural e econômica, que é muito importante para o desenvolvimento regional do município e estado do Amapá e propor soluções viáveis.

Neste contexto, a proposta deverá contribuir para melhorar a ventilação através do projeto paisagístico, utilizando-se da própria flora, diversificada, proporcionando um novo embelezamento na paisagem cultural e natural da cidade, de modo a se propor um espaço público com novas opções de entretenimento e lazer.

Para a realização do levantamento paisagístico e urbanístico foi utilizado à metodologia qualitativa e quantitativa, bem como pesquisa bibliográfica, registro fotográfico da paisagem local e aplicação de questionários. E para melhor atender a metodologia a pesquisa foi dividida em 03 partes: Diagnóstico, Plano Conceitual e o Partido.

No primeiro capítulo aborda-se os procedimentos metodológicos apresentados ao longo da pesquisa a contextualização do objeto de estudo, tipo da pesquisa, características da área

No segundo capítulo estão descritos a caracterização da área em estudo, sua evolução histórica, o perímetro em estudo, o recorte temporal, os aspectos urbanos, morfologia urbana, a topografia, o uso e ocupação do solo, o zoneamento e a legislação

No terceiro capítulo aborda-se o referencial teórico que sustenta a pesquisa. Nesse capítulo é descrito a trajetória do paisagismo no Brasil, sua importância, a evolução da linha de pesquisa, o paisagismo ecológico de Fernando Chacel, o conceito de Ecogênese, estudo de casos e da paisagem como contribuições ao paisagismo ecológico, além de um breve resumo sobre a paisagem urbana, baseados nos teóricos Fernando Chacel (2004), Medeiros (2008), Macedo (2010), Nascimento (2002), Tostes (2010), entre outros citados no referencial bibliográfico.

No quarto capítulo é possível conhecer os encantos e desencantos das orlas brasileiras, apresentados nas regiões sul, sudeste, centro oeste norte e nordeste.

No quinto capítulo expõem-se as propostas de intervenção, sua importância para a cidade, as diversas espécies nativas e exóticas existentes na orla e através do programa de necessidades, memorial justificativo, o mapa botânico e a volumetria, é possível compreender a dinâmica do projeto

A relevância da pesquisa está na nova proposta com soluções práticas, viáveis, e contemporâneas, valorizando a cultura local, contribuindo para o processo de desenvolvimento histórico, cultural, econômico e turístico do Município de Oiapoque.

JUSTIFICATIVA:

Os pesquisadores Nascimento (2002) e Silva (2011) apontam que o Município de Oiapoque assim como todas as cidades localizadas na fronteira brasileira possuem neste século um papel estratégico é importante do ponto de vista econômico e da circulação, por fazer parte do contexto de cooperação internacional e da integração regional. No entanto apresenta inumeros problemas como prostituição, “predominante na região” o comercio ilegal, as constantes brigas e mortes entre os garimpeiros Brasileiros e Franceses, entre outros fatores relevantes que dificultam a inserção transfronteiriça e impedindo o desenvolvimento econômico do Município de Oiapoque.

A realidade do Oiapoque ainda perpassa pela problemática da Paisagem Urbana que sofre com as diversas alterações degradantes do meio ambiente. Como afirma Macedo (1993),

“a urbanização, as culturas anuais ou sazonais e o extrativismo têm alterado a paisagem litorânea, acarretando a destruição de seus ecossistemas. Portanto, faz-se necessário admitir e estimular o usufruto dos atributos naturais e exploração do ambiente de forma sustentável”.

Segundo Pelaes (2011), é importante compreender a paisagem do município e reconhecer a perenidade dos recursos ambientais renováveis e dos processos ecológicos, suas diferentes unidades de paisagem, para manter a biodiversidade e os atributos culturais e naturais de forma socialmente justa e economicamente viável, contribuindo para a proteção, gestão e organização da paisagem.

Buscando uma melhor organização para a Orla urbana do Município de Oiapoque, verificou-se que a estrutura atual da Orla não condiz com o projeto que está disponível na Prefeitura do Município e nem mesmo apresentados pela imagens abaixo (Figura 01 e 02). O que se vê construídos são quatro quiosques abandonados e subutilizados, calçamento precário, ausência de iluminação pública, de mobiliário urbano, de arborização adequada, falta de uma área de lazer adequada, em síntese a falta de um espaço público digno que atenda a demanda turística dos moradores e visitantes.

Silva (2011) afirma que em 2009 a orla de Oiapoque foi isolada para a realização de um projeto de urbanização, além da revitalização da sua área portuária. Tal projeto previa a manutenção de uma das principais vias do Oiapoque (Avenida Barão do Rio Branco) e da praça do marco histórico “Aqui começa o Brasil”. Cinco anos se passaram e o projeto não foi implantado.

Figura 01 - Imagem atual Orla de Oiapoque



Fonte: Palmerim (2014)

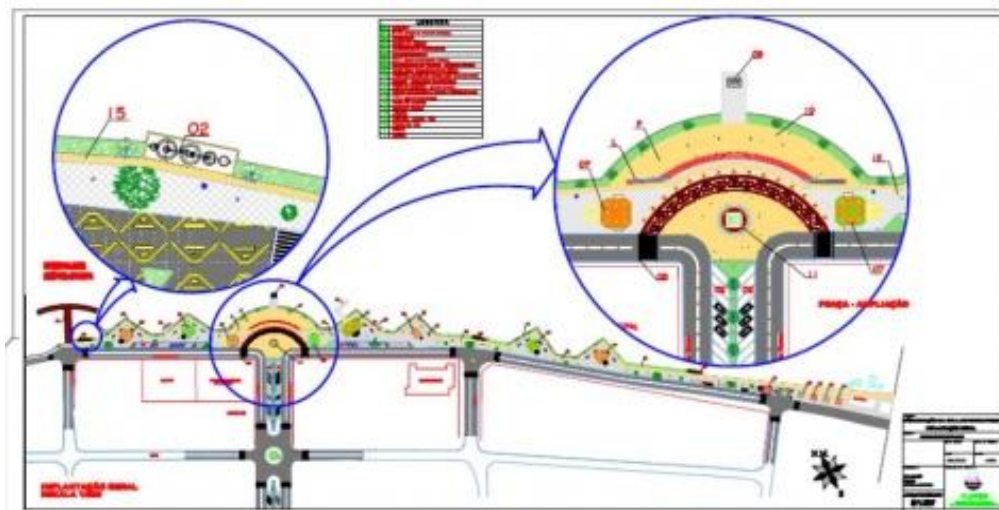
Figura 02 - Imagem atual Orla de Oiapoque



Fonte: Palmerim (2014)

Em visita a Prefeitura de Oiapoque no mês de fevereiro de 2012, verificou-se realmente que o Projeto de Revitalização da Orla, projetado pela CONPLAC (figura 03) foram iniciados, foram construídos alguns quiosques, uma pequena circunferência ao redor do monumento, porém pela falta de recursos orçamentários tanto na esfera Municipal, Estadual e Federal, a obra foi paralizada, sub entende-se que não existe interesse por parte dessas autoridades para que seja dado continuidade ao projeto, e nem mesmo com a inauguração da Ponte Binacional que interligará o Município de Oiapoque (lado Brasileiro) a Guiana Francesa (lado Francês) tem-se expectativas da retomada das obras de revitalização do espaço público.

Figura 03 - Maquete do Projeto Atual de Revitalização da Orla de Oiapoque



Fonte: Prefeitura de Oiapoque

CONPLAC (Consultoria, planejamento e construção LTDA) Empresa responsável pela concepção do projeto de Revitalização da Orla de Oiapoque, situada na Rua do Corrente, 317 – Fortaleza,CE. CEP.60812-290

Observou-se durante o projeto que a Ponte Binacional está totalmente construída, porém não foi inaugurada por falta de acordos pendentes, principalmente do lado Brasileiro que vem protelando a execução do asfaltamento da BR 156 que liga o Oiapoque a Macapá e demais municípios vizinhos, causando perdas na economia local.

E mesmo com a inauguração prevista para dezembro de 2013, o que não aconteceu, o Município de Oiapoque continuará no isolamento, pois o acesso construído foi feito por fora da cidade, o que na realidade deveria ser construído por dentro da cidade, valorizando o espaço público, esse acesso deveria permitir a ligação entre as fronteiras dos dois Países e não contribuir para isolamento do Município. (Figura 04 e 05).

Figura: 04 - Ponte Binacional (lado francês)



Figura: 05 - Ponte Binacional (lado Brasileiro)



Fonte: Imagem google.com.br/imgres?imgurl=http://amapabusca.files.wordpress.com

De acordo com o Projeto Orla do Governo Federal, inúmeros problemas podem ocorrer durante o processo de ocupação e urbanização de uma orla brasileira. Isto somente atesta segundo Reis (1993) que na Amazônia, onde a orla fluvial é uma realidade em muitos locais, o processo de urbanização não obedece qualquer consideração ambiental e se faz, muitas vezes, sem ser planejado.

“O processo de urbanização ocorre de forma acelerada e desordenada ocasionando então a degradação de áreas ambientais, principalmente com a ocupação de área de risco ou de preservação obrigatória, na ausência ou degradação da infraestrutura mínima e na pressão sobre as finanças públicas” (Moura e Moreira ,2001).

Para Tostes (2003) *“A Amazônia é praticamente o último grande e rico espaço ainda não ocupado pelos padrões de densidade econômica e populacional existente no mundo capitalista”*. Diante dessa afirmativa conclui-se que ainda é possível contribuir

para a urbanização, o paisagismo, estudos, de algumas cidades da Amazônia como é o caso de Oiapoque, propondo soluções planejadas, práticas e viáveis.

Partindo desses pressupostos, propôs-se um novo projeto para a Orla urbana de Oiapoque, que fosse aproveitado em toda sua extensão, à priori inserindo a Ponte Binacional no contexto da cidade, porém no decorrer da pesquisa, observou-se que não seria viável fazer esta inserção em função dos trâmites burocráticos.

No projeto incluiu-se a Rua Barão do Rio Branco, principal rua do centro comercial onde está localizado vários pontos turísticos, entre eles dois Monumentos Históricos, Igreja Nossa Senhora das Graças e Museu Kuhai e principais órgãos públicos importantes da cidade.

O projeto busca sanar as deficiências na Orla e no entorno, como iluminação, arborização, mobiliário urbano, pavimentação, sinalização, ciclovias, ciclofaixas, contribuir com soluções práticas, viáveis e contemporâneas, valorizando a cultura local e a paisagem urbana da cidade, viabilizando os acessos para a Orla, projetar espaços para praças com playgrounds, academia popular, área para lazer e contemplação em frente ao monumento histórico, praças, sendo este o espaço mais solicitado pelos usuários da Orla durante a aplicação de questionários, padronização das calçadas, inclusive com rampas de acessibilidade e piso tátil.

É importante ressaltar que as atuais calçadas que existem são tomadas por vendedores e ambulantes, quiosques com estrutura, restaurante regional, espaço para artesanato local e regional, feirinha para pescados com estacionamento, píer para as associações de catraieiros e canoieiros, mirante, atracadouro para barcos maiores, com terminal hidroviário que atenda essa demanda que está suprimida pelo poder público que não investe no lazer e bem estar da população.

Ressaltamos que o Município de Oiapoque é sem dúvida um lugar com grande potencial econômico e turístico, área de fronteira, porta de entrada e saída para a Cayena/França através da Ponte Binacional entre outros atributos que elevam o estado do Amapá.

OBJETIVOS

Objetivo Geral

- O objetivo desta pesquisa é analisar e propor um projeto paisagístico e urbanístico para Orla Urbana do Município de Oiapoque que seja prático, viável, contemporâneo e ao mesmo tempo atenda a demanda turística oferecendo um espaço público útil, agradável e frequentado pela comunidade.

Objetivos Específicos:

- Identificar as deficiências urbanísticas e paisagísticas e mapear as especialidades da flora existentes na Orla e no entorno;
- Propor atividades socioeconômicas compatíveis com o conservação sustentável da Orla urbana de Oiapoque;
- Propor um corredor verde e turístico para a cidade que propicie a valorização das espécies nativas da região.

I – PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS E TAPAS DA PESQUISA.

Por se tratar de um projeto de pesquisa é preciso explicitar sua trajetória metodológica a fim de que os passos sejam esclarecidos e desenvolvidos de acordo com as normas científicas. Quanto à abordagem, utilizou-se o método quantitativo e qualitativo. As estratégias adotadas para atingir os objetivos, foram divididas em 03 partes: Diagnóstico, Plano Conceitual e Partido.

1.1 - O Diagnóstico foi feito um inventário minucioso, onde foram mapeados todos os possíveis problemas encontrados na Orla e no entorno, compreendendo o levantamento bibliográfico, a pesquisa de campo e sub divididos em 05 tópicos.

1.1.1 Caracterização do contexto urbano da Orla de Oiapoque.

A área escolhida para realização do projeto de paisagismo e urbanismo fica localizada no Município de Oiapoque a 600 km da capital Macapá, fronteira do Brasil e São Jorge (Guiana Francesa) e para melhor compreensão o espaço público foi dividido em 03 áreas: leste, central e oeste. (Quadro 01).

Quadro 01- Áreas de intervenção (leste, central e oeste)



Fonte: Palmerim (2013).

Metodologia quantitativa e qualitativa: Segundo Teixeira (2008, p. 136) o estudo quantitativo utiliza “a descrição matemática como linguagem, ou seja, a linguagem matemática é utilizada para descrever as causas de um fenômeno, as relações entre variáveis etc.,” e na investigação qualitativa, “o social é visto como um mundo e significados passíveis de investigação e a linguagem dos atores sociais e suas práticas as matérias-primas dessa abordagem”

A proposta compreende uma área total de 1 km e 727,31 mt². Sendo distribuídos em três áreas leste, oeste e central. No sentido leste/oeste percorrendo a extensão da Rua José Caetano da Silva, ocupa uma área de 1 km e 132 mt² enquanto a área central, sentido norte/sul, extensão da Avenida Barão do Rio Branco, partindo do Monumento Histórico até a Avenida Nair Penafort ocupa uma área de 595,30 mt².

O Projeto Paisagístico e Urbanístico para a Orla urbana do Município de Oiapoque também poderá ser considerado como um grande Corredor Verde por valorizar e inserir as plantas nativas e exóticas da Orla e Corredor Turístico, por abranger as principais ruas da cidade Avenida Jose Caetano da Silva e Rua Barão do Rio Branco onde estão inseridos o pontos turísticos da cidade (Quadro 02) , a Igreja Nossa Senhora das Graças, o Monumento Histórico Aqui começa o Brasil, o Mercado Central o Museu Kuary e dentre eles instituições públicas e particulares importantes da cidade(Quadro 02) , destacam-se a Prefeitura de Oiapoque, o Ciosp, O Fórum, a Casa Indígena – CASAI, Estação de Tratamento de Agua, Agencia do Banco do Brasil (a única existente na cidade), O Ministério Publico, a Delegacia da Policia Federal, os Correios, as Escolas Joaquim Nabuco e Joaquim Caetano da Silva e ainda é possível visualizar a Ponte Binacional localizada a 470 mt da Orla . Além de ser uma área estratégica que possui grande potencial econômico, social, de lazer, entretenimento e turístico para a Cidade de Oiapoque.

Quadro 02 - Principais Instituições da Orla e do entorno.



Fonte: Palmerim (2013).

De acordo PDUO² a área de interesse social, onde foi realizado a intervenção paisagística e urbanista está inserido no eixo comercial e serviço da Rua Joaquim Caetano da

Silva e Avenida Barao do Rio Branco, segundo o Artigo: 18, inciso III do Plano de Desenvolvimento Urbanístico de Oiapoque. De acordo com os parágrafos 1 e 2.

***O Parágrafo: 1** diz que a faixa de proteção de margem do Rio Oiapoque e área pública onde só será admitida a construção de instalações de apoio a atividades ribeirinhas ou, a juízo da prefeitura Municipal, locais de lazer e recreação, sem prejuízo da vegetação existentes*

***O Parágrafo: 2** As faixas de proteção ambiental das margens dos Igarapés Pataua e Patauazinho são áreas públicas e preservação da vegetação do local, com largura mínima de 15mt(quinze metros) de cada lado do curso d água, onde serão admitidas edificações de qualquer natureza.*

Durante a aplicação dos questionários nas ruas Rua Joaquim Caetano da Silva e Avenida Barao do Rio Branco foi detectado que não se aplica na prática o que estabelece o PDUO, principalmente no que tange à Orla, o inciso & 4 diz:

Os eixos de comercio e serviço da Rua Joaquim Caetano da Silva e Avenida Barao do Rio Branco são constituídos pelos lotes que dão testado para aqueles logradouros públicos, onde não será permitida a localização de oficinas, serrarias, depósitos de inflamáveis e explosivos, indústrias e demais usos ou atividades incompatíveis com a vizinhança de residências.

Observou-se que a Orla (área Leste) está totalmente ocupada, sendo 70% do seu espaço ocupado por vendedores, ambulantes, associações de catraieiros, canoieiros, taxis e moto taxis, postos de combustíveis 20% área residencial e os 10% restante área mista.

O meio de transporte terrestre utilizado são os táxis e moto-táxis e transportes fluviais são os catraios e barcos, não existem serviços de transportes públicos e nem ponto de ônibus, segundo informações dos trabalhadores da Orla, esse tipo de transporte, atualmente é inviável por não gerar lucros.

Seus principais acessos podem ser feitos por via fluvial através do Rio Oiapoque, utilizando embarcações marítimas ou por via terrestre através da BR 156 percorrendo as Avenidas Coaracy Nunes, Avenida Barão do Rio Branco e Avenida Veiga Cabral, Avenida Nair Guarany e Avenida Caripunas.

²O PDUO foi um trabalho realizado pelo Centro de Estudos e Pesquisas Urbanas do IBAM, em 1988, por iniciativa pioneira do Governo do então Território Federal do Amapá (TFA). Além de Oiapoque, foram contemplados com planos semelhantes os municípios de Amapá, Calçoene e Mazagão. Embora o PDUO tenha sido uma proposta de intervenção urbanística que não se aplicou na prática, a descrição da paisagem urbana da época contida no plano, é um legado importante que hoje serve de referência. (Nascimento 2008).

Quanto à infraestrutura de Oiapoque foi identificado através da aplicação dos questionários, que o município não foge à realidade de outras cidades da região, envolvidos a inúmeros problemas graves advindos pela ineficiência de um fraco sistema de saneamento básico, como água, esgoto, saneamento, energia elétrica, coleta de lixo, atualmente é feito por uma equipe particular do atual prefeito, carência na pavimentação, ausência de espaços públicos para pratica esportes e lazer, etc. Essa carência existente na infraestrutura de certa maneira afeta diretamente o desenvolvimento do turismo local e se constitui como uma das principais reclamações da população e principalmente dos turistas.

Quanto aos equipamentos e mobiliários urbanos na área leste não foram encontrados nenhum tipo, na área central foi observado, logo no inicio da rua, um ponto de taxi, um ponto de mototaxi e algumas placas de sinalização, na área oeste foram detectados três pontos de taxis, moto-taxis, três pontos de catraieiros, um ponto para canoieiros, uma única banca de revista, uma escola de ensino médio, algumas igrejas, varias farmácias, mercantis, lojas, hotéis, um mercado central, algumas placas de sinalização, não foram encontrados nesta área nenhum ponto de ônibus, banheiros, lixeiras, bancos e postos de saúde.

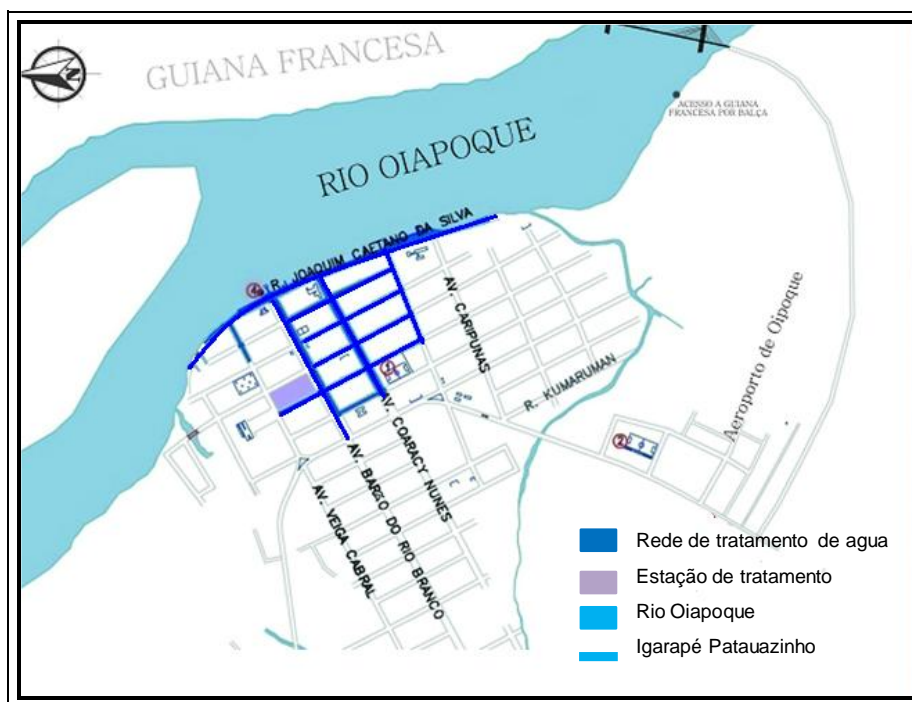
1.1.2 Caracterização do sitio físico e do microclima da Orla.

Quadro 03 – Planta baixa do projeto



Fonte: Palmerim (2014).

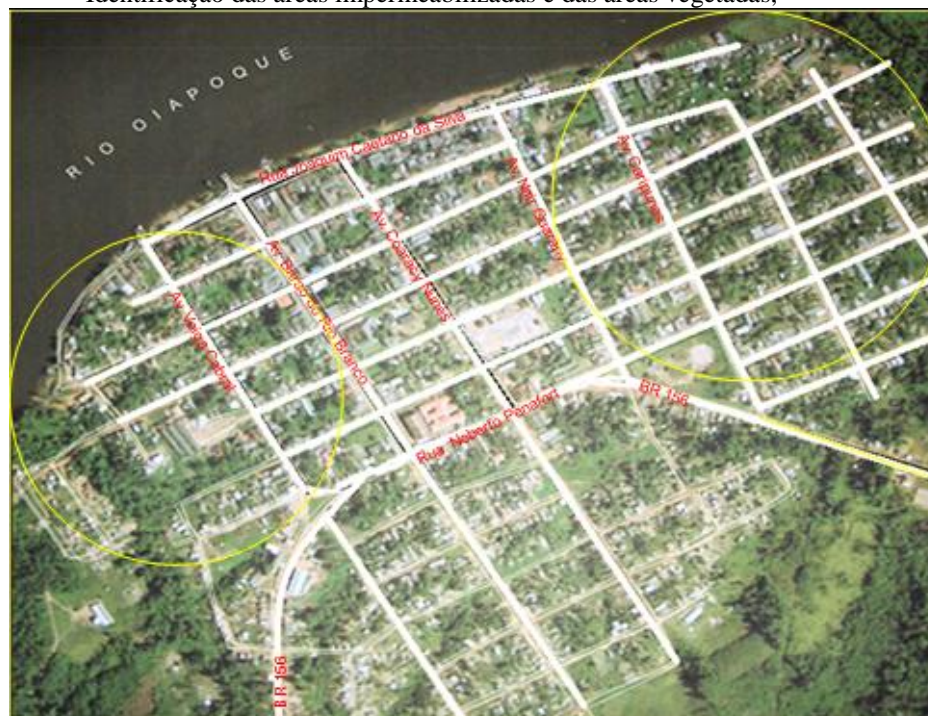
Identificação do relevo natural



Quadro 04 – Mapa do relevo natural

Fonte: Tárzio Renato (2013) Adaptação: Palmerim (2014).

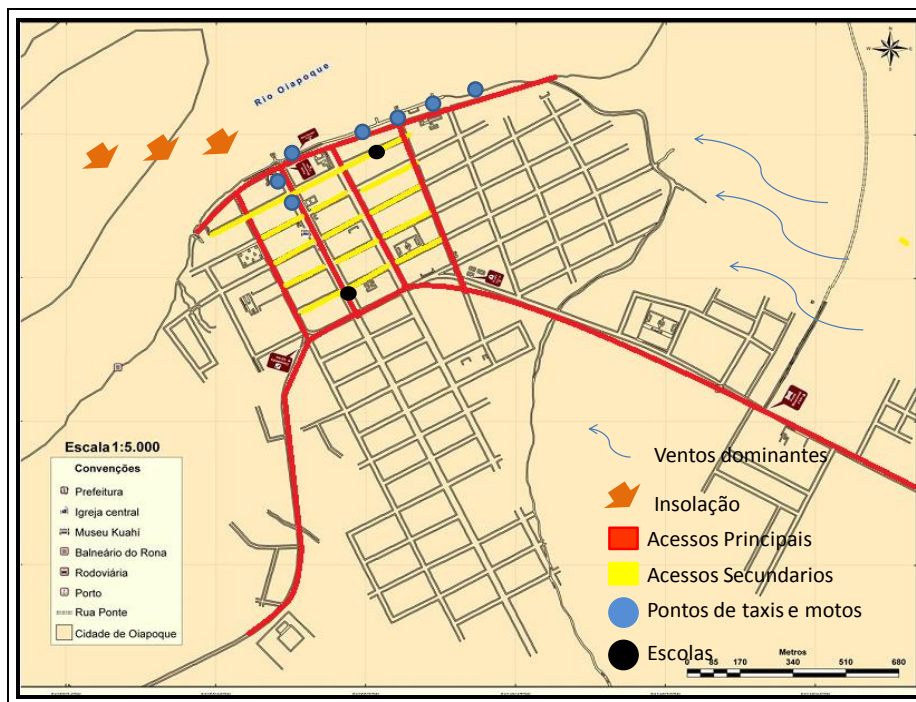
Identificação das áreas impermeabilizadas e das áreas vegetadas,



Quadro 05- Áreas vegetadas

Fonte: Google Earth Adaptação: Palmerim (2014).

Identificação de insolação ventilação e principais acessos

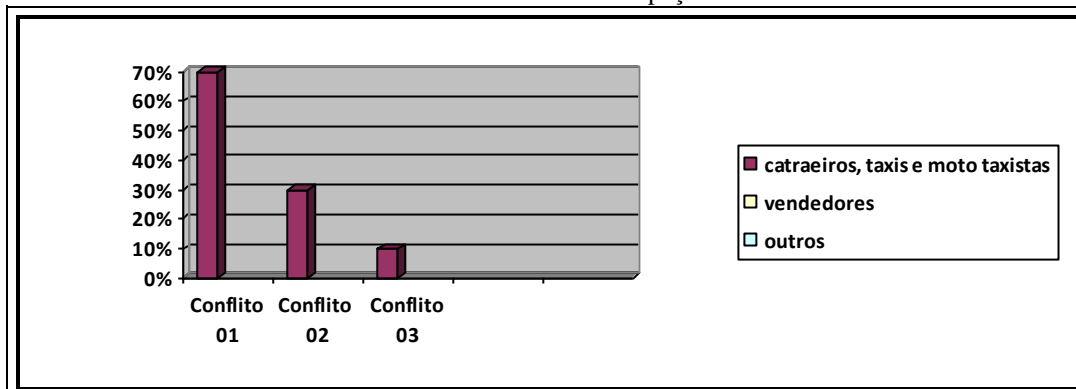


Quadro 06 - Mapa de insolação, ventilação e principais acessos
 Fonte: Tostes (2013) Adaptação: Palmerim (2014).

1.1.3 Caracterização dos atuais usuários dos espaços livres e da comunidade residente no entorno. (Usos e conflitos).

Ao longo da pesquisa foram detectados inúmeros conflitos na Orla e no entorno. O primeiro grande conflito que foi detectado foi com relação à disputa entre as associações de catraieiros, taxis e moto taxistas que ocupam 70% da Orla, o segundo problema é a disputa de espaço entre vendedores ambulantes e vendedores de refeições e lanches que ocupam 30% da Orla que trabalham em condições precárias, sem higiene, sem fiscalização, sem nenhum tipo de ajuda dos poderes públicos, mas almejam um espaço público digno e 10% desses conflitos podemos elencar o comércio ilegal como por exemplo a disputa por venda de drogas, a prostituição, principalmente a noite onde aumenta significativamente o número de frequentadores na Orla. (Tabela 01)

Tabela 01- Gráfico de uso e ocupação do orla



Fonte: Palmerim (2013)

1.1.4 Caracterização geral do espaço livre público.

Quanto à tipologia das edificações.



Foto. 1 casa mista
Fonte: Medeiros



Foto. 2 casa em madeira
Fonte: Medeiros



Foto: 3 prédio com 03 pavimentos
Fonte: Medeiros



Foto 4 casa em alvenaria
Fonte: Medeiros



Foto.5 prédio com 05 pavimentos
Fonte: Medeiros



Foto.6 casa mista
Fonte: Medeiros

1.1.5 Identificação dos visuais de interesse e dos elementos focos de animação compõe o espaço público e entorno; Identificação dos marcos visuais, identidade do Espaço Livre Público, de elementos de informação e do mobiliário urbano existente na área em estudo.

Quadro 07- Visuais de interesses agradáveis



Fonte: Palmerim (2013)

Quadro 08- visuais de interesse desagradáveis



Fonte: Palmerim (2013)

1.2 - Plano Conceitual:

Foi feito um diagrama, mostrando as áreas de atividade específica, barreiras ou áreas de isolamento, setas indicando circulação, asteriscos destacando pontos de interesse, etc. Este passo teve a função de facilitar a organização e o layout do desenho sem perder tempo com detalhes. Elementos observados no plano conceitual foram a mudança de elevação no terreno, área de privacidade, tráfego de pedestre, área de vegetação, corredores visuais, área de armazenagem, área de atividades de lazer, área de gramados, área de acesso para automóveis, muros e cercamentos etc.

Quadro 09- Plano conceitual do projeto



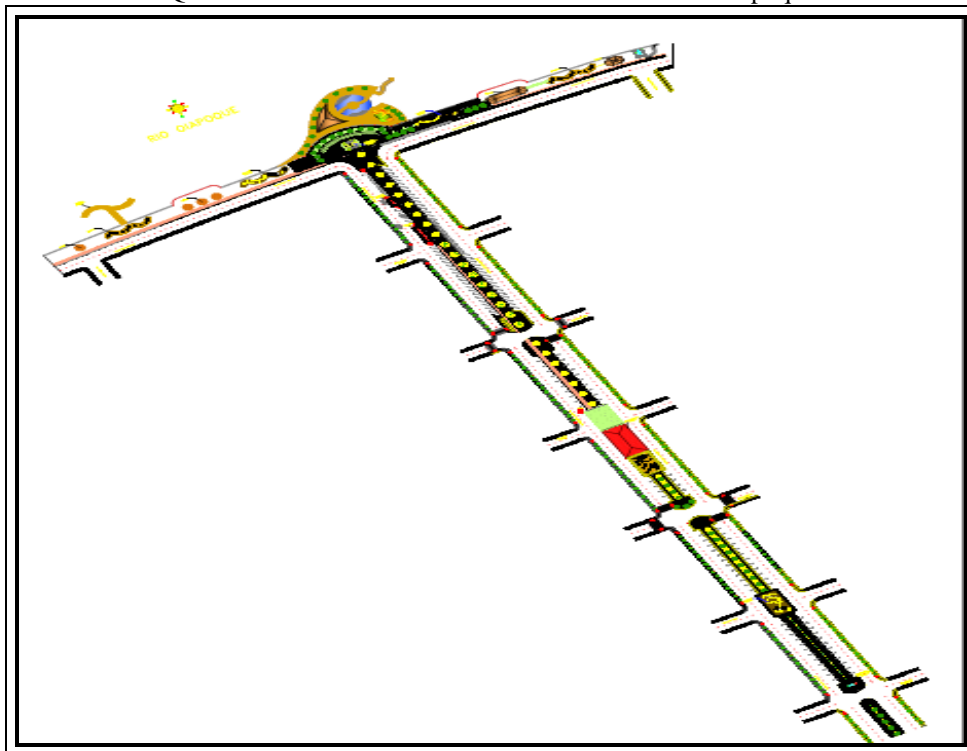
Fonte: Palmerim (2013)

1.3 – O Partido Paisagístico e Urbanístico

Fase denominada de “desenvolvimento da forma / partido”. Neste estágio adicionou-se um outro nível de organização, ocorreu a transição do conceito. A forma foi criada, e os espaços “evoluíram na paisagem”. Ocorreu a transformação do layout bidimensional para uma forma tridimensional. Pode - se criar impactos previsíveis

sobre a resposta emocional humana. Qualquer forma que se constrói na paisagem influencia diretamente nas respostas emocionais

Quadro11 - Planta baixa da área central da Orla de Oiapoque



Fonte: Palmerim (2014)

Quadro 12- Volumetria do píer central



Fonte: Palmerim (2014)

II – CAPÍTULO: CARACTERIZAÇÃO DA ÁREA.

2.1 – Evolução histórica do Município de Oiapoque

Figura 04 – Localização da Orla de Oiapoque



Fonte: Google: Adaptação Palmerim (2014)

Criado pela Lei 7.578 de 23 de maio de 1945, o município do Oiapoque é a principal referência nacional, quando se determina os extremos do Brasil, do Oiapoque ao Chuí, fica distante da capital Macapá 600 km, possuindo uma área de 22.625 km² e segundo o IBGE tem uma população de aproximadamente 20.426 habitantes .

A palavra Oiapoque tem origem tupi-guarany, sendo uma derivação do termo "oiapoca", que significa "casa dos Waiãpi". Originou-se da morada de um mestiço, em data que não se pode precisar, de nome Emile Martinic, o primeiro habitante não-índio do município. Sabe-se que a localidade passou a ser conhecida como "Martinica"; e, ainda hoje, não é raro ouvir essa designação, notadamente de habitantes mais antigos. É composto por uma sede municipal, Oiapoque, e quatro distritos. Clevelândia do Norte (área de destacamento militar do exército); Vila Velha (área de propriedades agro-extrativas); Vila Brasil (serve de apoio aos garimpos infiltrados nas Guiana Francesa); Taperebá (área de apoio aos pescadores da costa marítima).

Outras localidades se distribuem na área geográfica municipal: Ponte do Cassiporé (área de intercessão da BR-156); Rio Cassiporé - importante ponto de apoio tanto para o tráfego rodoviário da BR-156, quanto para o fluvial, principalmente para os pecuaristas e agricultores da região, e outros povoados menores (indígenas) como: Manga, Santa Isabel, Espírito Santo, Açaizal, Urucaura e Kumarumã.

A fronteira, Oiapoque apresenta interações com duas comunas da Guiana Francesa, denominação dada às unidades administrativas francesas que se assemelham aos municípios brasileiros com algumas atribuições diferentes: Saint-Georges-de-

l'Oyapock, com a qual tem relações comerciais e sociais fortes, e Camopi, localizada em frente a uma pequena vila de Oiapoque, Vila Brasil.

O município possui vários atrativos naturais, o rio Oiapoque com suas cachoeiras, balneários, densa vegetação, o monumento “Aqui começa o Brasil” além do Vale do Rio Uaçá onde se localizam as principais comunidades indígenas e a pesca do Tucunaré, peixe símbolo da pesca esportiva. Como atrativo de caráter religioso destaca-se a festa de Nossa Senhora das Graças, padroeira do município.

O maior atrativo cultural é a festa do Turé – reunião anual de todas as tribos indígenas. O artesanato local é o indígena e merecedor de destaque pela sua beleza e singularidade. Existe apenas uma via de ligação com a capital do Estado, Macapá: a BR-156.

2.2- O perímetro de estudo e recorte temporal

O objeto de estudo é a Orla do Município de Oiapoque, a proposta compreende uma área total de 1 km e 727,31 mt². Sendo distribuídos em três áreas leste, oeste e central. No sentido leste/oeste percorrendo a extensão da Avenida José Caetano da Silva, ocupa uma área de 1 km e 132 mt² enquanto a área central, sentido norte/sul, extensão da Rua Barão do Rio Branco, partindo do Monumento Histórico até a Avenida Nair Penafort ocupa uma área de 595,30 mt².

Este perímetro da Orla caracteriza-se pela presença do vários pontos turísticos da cidade, o Monumento Histórico “Aqui começa o Brasil” de alta relevância para a cultura, o turismo e história da cidade, o Mercado Central, Prefeitura, CIOSP, Representação do Ministério da Fazenda, duas escolas de ensino médio, a Igreja Nossa Senhora das Graças, a agência dos correios, a Delegacia de Polícia Federal, além de bancos, hotéis, lojas, bares e restaurantes, as instituições religiosas, públicas e privadas que configuram a paisagem urbana e influenciam diretamente em sua configuração urbana e morfológica.

A Orla não possui incentivos necessários para desenvolver um de seus maiores potenciais, a atividade econômica. Segundo as pesquisas de Moura (1996), *o desenvolvimento turístico, urbano e social é precário devido à decorrência dos problemas e deficiências existentes durante todo seu período evolutivo.*

O estudo também mostrou a questão, da paisagem natural que está modificada pela ação do homem, seus aspectos característicos no decorrer de sua ocupação urbana, que

busca uma proposta de intervenção viável e sustentável como forma de resposta para os problemas investigados no decorrer de sua evolução.

2.3 – Os aspectos urbanos da Cidade de Oiapoque

2.3.1 – Morfologia Urbana

A morfologia urbana estuda os aspectos exteriores do meio urbano e as suas relações recíprocas, determinando e interpretando a paisagem urbana e a sua estrutura. Conhecer o meio urbano implica na existência de instrumentos de leitura e uma relação objeto - observador (Lamas, 2004).

Segundo Landim (2004) o espaço urbano produzido e utilizado, é um retrato da sociedade, e o estudo dessas diversas relações pode levar a uma melhor compreensão da cidade, fornecendo subsídios projetuais para a melhora da infraestrutura urbana e, conseqüentemente, de vida.

Para Nascimento (2008) o estudo da paisagem urbana deve ser a fase de conscientização dos valores, sentidos e significação, que integra o diagnóstico, que é um pré-requisito do Planejamento Urbano. (Quadro 12.)

Quadro 12 Esquema dos elementos morfológicos



Fonte: www.blogarquitetando.com.br

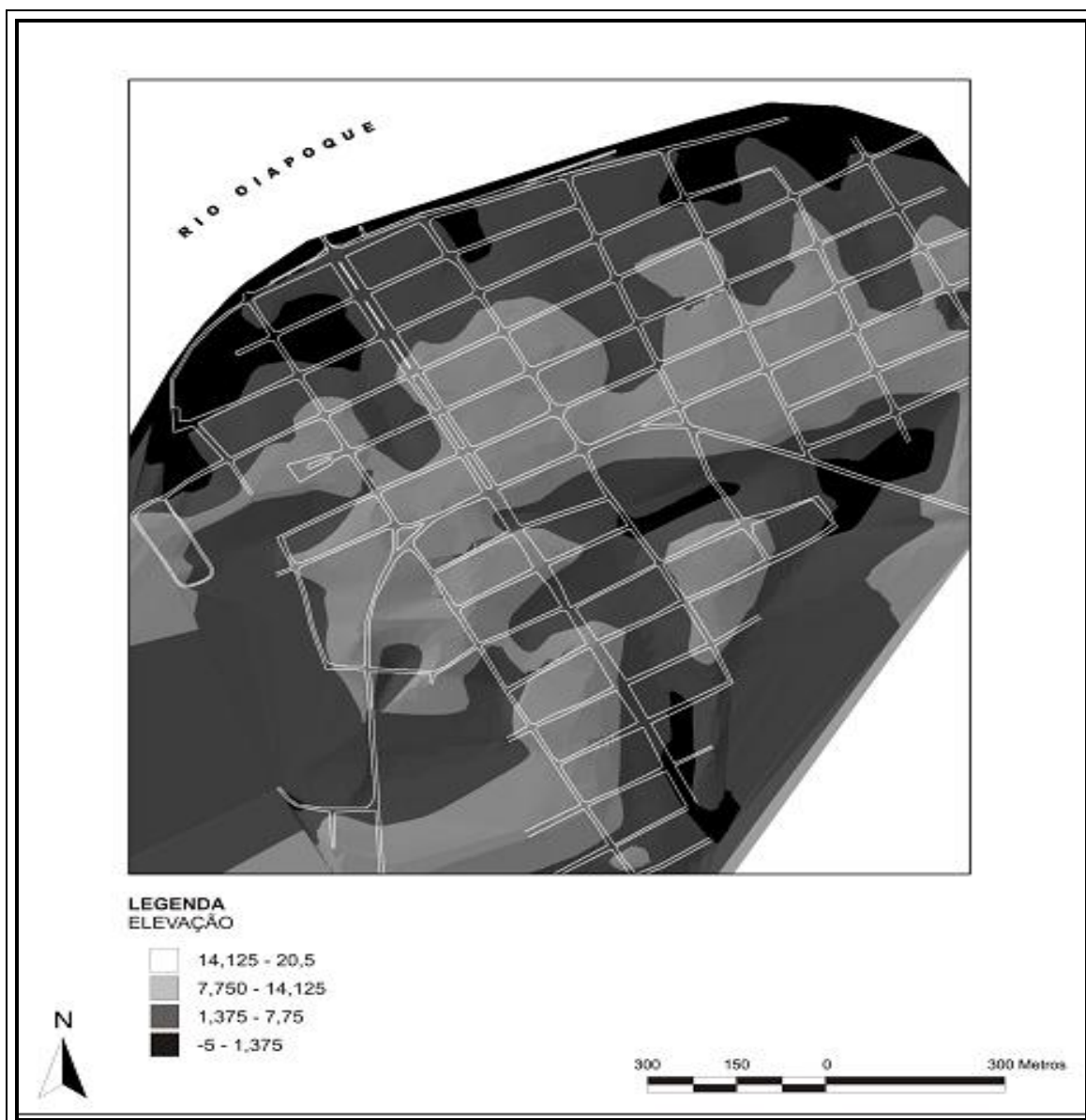
Em síntese podemos definir que a morfologia urbana de um local faz um mapeamento minucioso da área, colocando em evidências as mazelas, as necessidades e possibilitando possíveis soluções para o futuro. No caso da Orla de Oiapoque foram identificadas várias situações que interferem diretamente na Paisagem Urbana de

Oiapoque. Porém duas linhas de força chamou atenção, no caso a Orla e a BR-156. Cada uma dessas linhas de força possui seu caráter próprio, a Orla por ser o único espaço público existente na cidade é o local mais frequentado, funcionando atualmente precariamente, sem as mínimas condições.

2.3.2 - TOPOGRAFIA

A Cidade de Oiapoque está implantada em um sítio urbano desfavorável para o seu desenvolvimento urbanístico. A topografia ondulada e com desníveis acentuados apresenta uma geomorfologia urbana de grandes contrastes e com elevado número de áreas baixas e encostas. Preteridas pelos moradores mais abastados, essas áreas são sistematicamente ocupadas por moradores de baixa renda, num processo desordenado de urbanização, o que as constitui em áreas de risco.

Quadro 13 Topografia do Município de Oiapoque



Fonte: Plano Diretor Participativo de Oiapoque (2005)

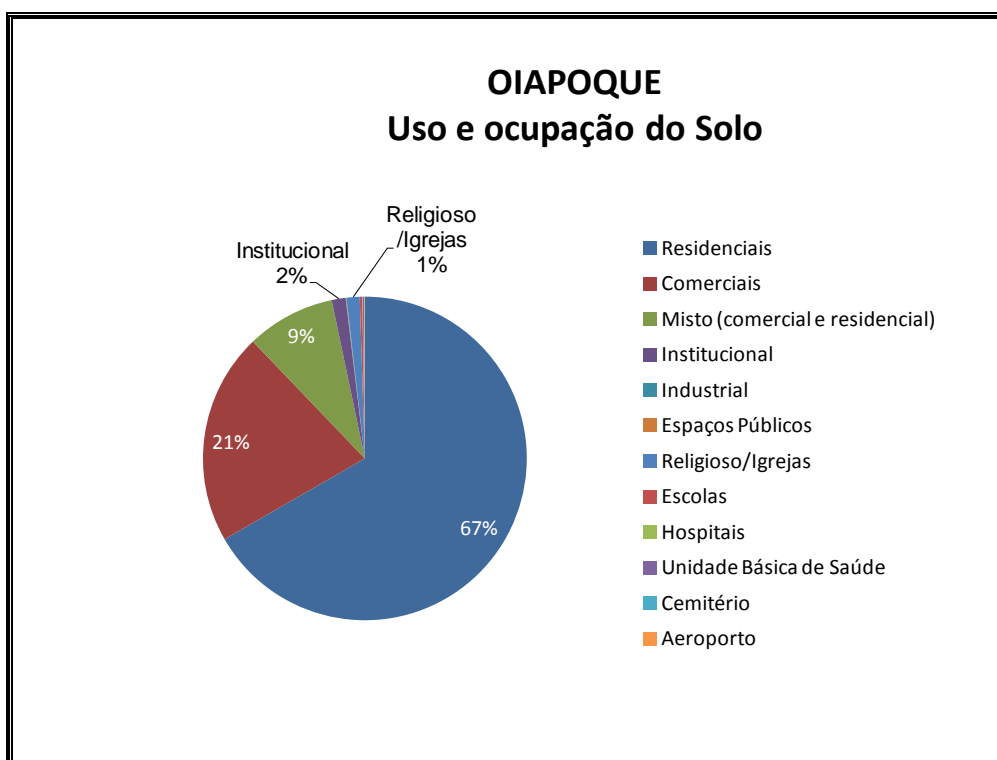
2.3.3 - USO E OCUPACAO DO SOLO

Segundo o plano diretor participativo de Oiapoque (2005). Quanto os aspectos de uso e ocupação do solo, o mapa aponta 77 quadras definidas num arruamento xadrez, modelo observado em Macapá e repetido em todas as Cidades Amapaenses, e no que diz respeito à classificação adotada para aferir o uso de solo foram divididas em: usos residenciais, comerciais, institucionais, industriais, lazer, religioso/igrejas, escolas, hospitais, unidade básica de saúde, cemitério e aeroporto.

De acordo com Nascimento (2009), a prefeitura de Oiapoque mantém um cadastro técnico imobiliário, que apresenta os seguintes dados: quatro setores e seis bairros antigos (Planalto, Nova Esperança, Paraíso, Centro, Nova União, Pertinho do Céu e do Russo) .

Segundo o Plano emergencial em 2002 havia um mapa semi-cadastral realizado que aferiu 3.406 lotes existentes, e um déficit habitacional em torno de 1,850 solicitações, com necessidades de projetos de loteamentos urbanizados.

Quadro 14 – Mapa de uso e ocupação do solo do Município de Oiapoque.



Fonte: Cordeiro (2011)

Quadro 15 – Mapa de uso e ocupação



Fonte: Cordeiro (2011)

Segundo o IBGE mapeamento de uso e a cobertura do solo é de grande utilidade para o conhecimento atualizado das formas de uso e de ocupação do espaço constituindo importante ferramenta de planejamento e de orientação à tomada de decisão.

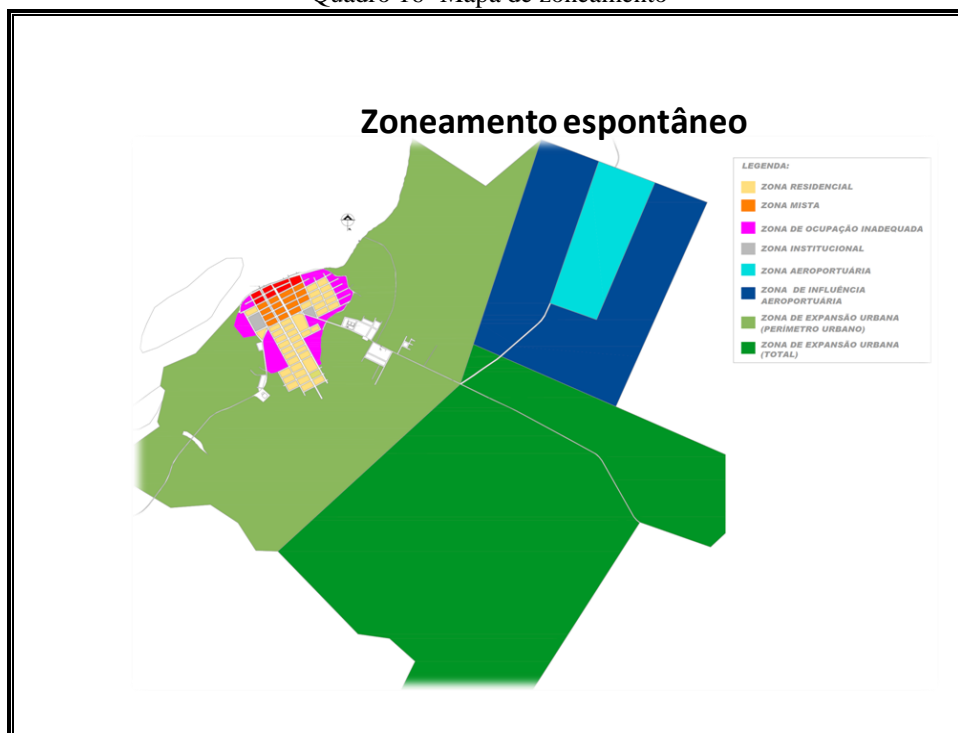
Ao retratar as formas e dinâmicas de ocupação da terra, esses estudos também representam instrumentos válidos para a construção de indicadores ambientais e para avaliação da capacidade de suporte ambiental, diante dos diferentes manejos empregados na produção, contribuindo assim para a identificação de alternativas promotoras da sustentabilidade e do desenvolvimento.

3.3.4 – ZONEAMENTO

Com base no uso do solo urbano, tem-se o instrumento necessário para aferir o zoneamento espontâneo do Município de Oiapoque. As áreas urbanizadas: zona residencial, zona de ocupação inadequada; zona comercial; zona institucional, zona aeroportuária; e áreas urbanizáveis: zona de expansão urbana (perímetro urbano; zona de expansão urbana total.

Denominam-se zona residencial, comercial e institucional, respectivamente, com a presença de outros usos em menor quantidade. A ausência de instrumentos de planejamento definidos implica nessa configuração.

Quadro 16- Mapa de zoneamento



Fonte: Cordeiro (2011)

Segundo Nascimento; Tostes; 2008. O plano de Desenvolvimento Urbanístico de Oiapoque (PDUO) merece ser referendado, haja vista que foi constatado como primeira medida a ser realizada dentro do plano Emergencial de Gestão para o Município de Oiapoque em 1988, quando foi elaborado, o plano afirmava que, as cidades do interior, Oiapoque era a que apresentava maior vitalidade e diversidade econômica. Também apresentava o Rio Oiapoque, como sendo determinante para o movimento da cidade, que por seu lado era frenético e ao mesmo tempo caótico. Após vinte a anos dessa descrição, constata-se que o PDUO foi uma proposta de intervenção que nunca foi aplicada na prática. Porém a descrição da paisagem urbana da época, contida no plano, é um legado importante que hoje nos serve de referência.

2.3.5 - LEGISLAÇÃO.

Nos estudos detectados sobre Oiapoque, verificou-se que o poder público municipal não dispõe de mecanismos de leis complementares: Lei do Uso e do Solo;

Código de Edificações; Código Tributário e Código de Posturas, todos devidamente adequados a realidade da fronteira, além destes instrumentos legais, não há uma Planta de Valores para regular o valor real dos imóveis urbanos.

III - CAPÍTULO: ARQUITETURA PAISAGÍSTICA E SUA TRAJETÓRIA.

3.1 - Trajetória do Paisagismo no Brasil

A história do paisagismo no Brasil inicia-se na década de 30 e está entrelaçada com a história de Burle Marx um dos paisagistas mais consagrados no exterior em todos os tempos

Para Tângari e Curado (2006) o paisagismo chegou ao Brasil junto com a corte imperial portuguesa, que trouxe consigo da Europa a cultura dos grandes jardins e espaços verdes de uso particular das elites da sociedade. O principal paisagista do império, que veio trabalhar no Brasil a pedido de Dom João VI, foi o francês Auguste François Marie Glaziou. Aplicando em todas as suas obras o estilo de projetar europeu, que era o maior símbolo de sofisticação da época, mas também incorporando elementos da tropicalidade brasileira, projetou os parques da corte, assim como vários parques e jardins de personalidades importantes da época.

Com o passar dos anos e das técnicas de projetar, o discurso modernista foi ganhando força e chegou ao Brasil, e aqui encontrou em arquitetos e paisagistas como Rosa Kliass, Roberto Burle Marx e seu estagiário (que mais tarde se tornaria uma das maiores referências em paisagismo brasileiro) Fernando Chacel, uma ampla oportunidade de expressão e representação.

Curado (2007) afirma que o paisagismo do século XXI tem apresentado forte tendência a atuar em consonância com os aspectos ambientais, seja pela força de uma legislação cada vez mais atuante e determinante de diretrizes, seja pela conscientização da população em geral, para ele um dos maiores destaques do paisagismo contemporâneo no Brasil é Fernando Chacel, que em mais de cinquenta anos de atuação profissional trabalhou na restauração de ecossistemas degradados.

Carta Brasileira da Paisagem é uma declaração de princípios éticos (que envolvem a ecologia, a justiça social e as políticas culturais e econômicas de desenvolvimento) para promover o reconhecimento, avaliação, proteção, gestão e planejamento sustentável de paisagens em cada país, através da adoção de convenções (leis, acordos) que reconhecem a diversidade paisagística e os valores locais, regionais e nacionais, bem como os princípios e processos relevantes para salvaguardar os recursos da paisagem. (ABAP, 2010).

Burle Marx, como seguidor de *Auguste Glaziou*, foi o grande paisagista dos trópicos, utilizando espécies nativas até então desconhecidas do público, o que lhe rendeu bastante destaque não só no Brasil, como também no mundo.

Os três grandes paisagistas citados acima foram os fundadores da Associação Brasileira de Arquitetos Paisagistas - ABAP, criada no ano de 1976. Desta associação nasceu em 2010 a Carta Brasileira da Paisagem importante documento nacional que promove a necessidade de proteger e conservar as áreas verdes e florestas brasileiras, bem como planejar e gerir a vegetação dentro da área urbana.

A Carta é constituída de 12 princípios, que falam sobre o direito do cidadão de usufruir das vantagens de se possuir ecossistemas tão ricos quanto os brasileiros, e da necessidade de preservá-los e administrá-los para ter o retorno do aumento na qualidade de vida que ela oferece.

3.2 - A importância do Projeto Paisagístico.

Segundo Ascher (2010, p.87) O projeto paisagístico precisa ser flexível e possuir sintonia com as dinâmicas da sociedade, por isso a sua concepção e realização resultam da intervenção de uma multiplicidade de atores com lógicas diferenciadas e combinadas entre si. A partir da separação do desenho urbano e das ideologias urbanísticas e políticos-culturais, se dá lugar a escolhas formais e estéticas que enriquecem a urbanidade do lugar.

O projeto paisagístico, incorporado como instrumento das ações compensatórias ou medidas mitigadoras desses estudos, instituía a presença do Arquiteto paisagista no processo do planejamento da paisagem e do seu desenvolvimento para uma melhoria da qualidade de vida, influenciando as suas estimativas e realçando o seu valor.

Não é fácil planejar a paisagem, pois não depende somente do arquiteto paisagista é necessário um conhecimento amplo sobre o lugar que vai ser planejado um bom diagnóstico deve ser feito para ajudar no planejamento e ainda uma equipe envolvida e comprometida.

O planejamento paisagístico só poderá ser realizado por uma equipe multidisciplinar envolvida com a paisagem. Isso porque, no seu planejamento integrado devem ser considerados todos os elementos geobiofísicos².

É preciso que haja um total envolvimento da toda equipe. Sejam, biólogos, botânicos, geógrafos, e principalmente do arquiteto paisagista a maior responsabilidade no planejamento paisagístico, cabe a esse profissional criar subsídios que ajudem na organização dos espaços, transformando a partir de intervenções, a paisagem

tipicamente natural em algo planejado para o homem proporcionando bem estar e qualidade de vida para o mesmo. Mas para isso o paisagista precisa fazer toda uma pesquisa e levantamento de dados sobre o lugar e a quem se destina a intervenção paisagística para, a partir daí, poder chegar a resultados satisfatórios.

Rosa Kliass⁴, e seu vasto conhecimento em arquitetura paisagística bem como sua grande experiência na profissão, conseguiu interpretar tanto o lugar quanto os anseios e necessidade dos usuários do espaço em questão proporcionando com isso belos cenários paisagísticos espalhados pelo Brasil que encham nossos olhos e que hoje fazem parte da história do lugar, da cidade, do estado, do Brasil e do mundo.

3.3 - A evolução das linhas do Projeto Paisagístico

Segundo Chacel as linhas do projeto paisagístico são expressas formalmente por um repertório de elementos e arranjos que compõem os espaços dos parques.

No século XIX predominou a criação de cenários europeizados, com fontes, quiosques, pórticos, pontes, eixos, etc. O século XX rompe com essa linha, mediante a proposição de ambientes funcionais e arrojados. No final do século, a linha projetual contemporânea reincorpora a ornamentação, em sua liberdade, permite a criação de todo tipo de cenário, desde aquele que faz referencia ao passado ate os de forte orientação ecológica.

Ao longo de seus quase 200 anos as linhas projetuais sofreram grandes transformações, os desenhos foram evoluindo, sempre apresentando novas soluções e essas identificações foram divididas em dois aspectos: o programa e a forma.

Quanto ao programa também conhecido como programa de necessidade se refere às inúmeras possibilidades que os parques, as praças, os jardins podem oferecer a comunidade, esse programa tem que atender a exigência dos futuros usuários, além de conter tudo que vai ser projetado futuramente e dependendo da necessidade pode ser alterado. Quanto à forma e o suporte físico do programa de atividades e a própria configuração do projeto que são baseados nas ideologias e modelos vigentes da época.

² **Geobiofísicos:** São processos, biológicos e físicos de um ambiente, considerados nas ações conjuntas.

³ **Chacel, Fernando Magalhães** é arquiteto paisagista da geração posterior a Burle Max, considerado como um dos mais importantes arquitetos paisagistas em atividade no Brasil, com importantes contribuições ao estudo da paisagem e do meio ambiente. Chacel desenvolveu em parceria com Sidney Linhares projeto com base no conceito da Ecogênese. Fraiha (2001)

⁴**Rosa Glana Kliass** é arquiteta paisagista. Entre suas mais importantes obras estão a Reurbanização do Vale do Anhangabaú e o Parque da Juventude, em São Paulo; o Parque do Abaeté e o Parque de Esculturas do MAM-Bahia, em Salvador; o Parque Mangal das Garças e o Projeto Feliz Luzitânia, em Belém; e o Parque do Forte – Complexo Fortaleza de São José, em Macapá.(vitruvius)

3.4 – O paisagismo ecológico de Fernando Chacel

Fernando Magalhães Chacel nasceu em 05 de abril de 1931, no Rio de Janeiro. Até definir-se como arquiteto-paisagista, trilhou caminhos profissional sempre inclinado ao mundo das artes. Ele próprio se define como “alguém que age e trabalha com base na sensibilidade e intuição”.

Em 1948 ingressou para a Escola Nacional de Belas Artes, depois se transferindo para o curso de Arquitetura. Nesta época, tocava acordeão nas noites cariocas. Em dado momento Chacel viu-se dividido entre a arquitetura e a música, até o dia em que, em 1952, conheceu Burle Marx e trabalhou de estagiário em seu atelier. Este contato foi decisivo na carreira de Chacel, quando resolveu ser arquiteto paisagista; os dois anos com Burle Marx permitiram-no aprender “o ofício de paisagista, por pensamentos, palavras e obras”.

Na década de 1970, Chacel associou-se a Luiz Emygdio na empresa “A Paisagem”. A partir deste período iniciou-se uma mudança de paradigma em sua metodologia, evoluindo do "jardinismo" para uma visão mais voltada para o meio ambiente.

O trabalho desenvolvido na barragem de Paraibuna, em São Paulo, foi sua primeira experiência de recuperação de uma área degradada e de restauração paisagística. Neste trabalho, foi decisiva a colaboração do geógrafo Aziz Ab'Sáber, cujos conhecimentos ampliaram seu entendimento da complexidade do meio ambiente. Em Paraibuna a equipe realizou um trabalho interdisciplinar, com profissionais do setor ambiental, agrônomos e engenheiros florestais. Era o embrião para a sistematização da metodologia que Chacel passaria a adotar em seus projetos paisagísticos.

Chacel desenvolveu projetos para vários Estados do Brasil, sendo no Rio de Janeiro, a maioria de seus clientes, sobretudo pelos projetos da Barra da Tijuca, na zona oeste do Rio de Janeiro, que por sua vez acabavam engendrando outras intervenções que também precisavam responder a questões legais.

Ele observou que o Rio de Janeiro era uma cidade privilegiada pelo relevo acentuado, e que proporcionava paisagens magníficas aos olhos humanos; as montanhas naturalmente se constituem em empecilhos à destruição maior do que visto que a ocupação de morros e encostas apresenta um número maior de dificuldades do que a construção em áreas mais planas. A esse respeito, Ab'Sáber afirmou que "o domínio dos

'mares de morros' mostrava ser o meio físico, ecológico e paisagístico mais complexo e difícil do país em relação às ações antrópicas".

3.5 – O Conceito de Ecogênese.

Para Chacel (2001, p.23), o conceito de ecogênese “entende-se o paisagismo, como um gesto, uma medida compensatória e mitigadora dos efeitos negativos gerados pela urbanização, e dever ser entendida como uma ação antrópica e parte integrante de uma paisagem cultural, que utiliza para a recuperação dos seus componentes bióticos, associações e indivíduos próprios que compunham os ecossistemas originais”.

A base da metodologia de Fernando Chacel é a ecogênese, onde ele realiza a reconstituição dos aspectos edafo-ambientais⁵ originais, por meio de trabalho em equipe multidisciplinar que envolve profissionais de diversas áreas ligados ao meio ambiente, da botânica, da biologia, da zoologia, da geografia, entre outros, além do arquiteto paisagista.

Suas maiores influências foram o paisagista Burle Marx, o botânico Luiz Emygdio e de Melo Barreto com os quais dividiu experiências profissionais que o levaram a definir sua linha projetual.

A ecogênese é a reconstituição de ecossistemas parcialmente ou totalmente degradados, valendo-se de uma re-interpretação do ecossistema através do replantio de espécies vegetais nativas. Ela procura reconstruir as paisagens que já sofreram profundas modificações em sua estrutura, valendo-se de elementos vegetais nativas, provenientes de todos os estratos, e recompondo suas associações originais.

⁵ *Os atributos edafo-ambientais referem-se a um conjunto de propriedades e/ou características da paisagem que, quando acionadas, transformam-se em ferramentas indispensáveis para a avaliação de um cenário. Alguns atributos são identificáveis a campo, como a profundidade efetiva do solo, drenagem, pedregosidade. Em outras situações, a presença ou ausência desse atributo é detectada pela análise laboratorial, como é o caso da fertilidade natural do solo.*

Os Atributos edafo-ambientais que podem ser selecionados para a avaliação da uma microrregião geográfica com vistas às zonas homogêneas são: material de origem; clima; vegetação; tipo de solo; pedregosidade; erosão potencial; profundidade efetiva do solo; drenagem; altitude e fertilidade natural do solo. (TAMAGNO, Rosana. Florianópolis, 2003. 125p.)

3.6 - Estudo da paisagem com contribuições ao paisagismo ecológico.

Segundo Medeiros (2008,p.26) o estudo da paisagem é um ramo relativamente novo da ciência, cujas primeiras pesquisas iniciaram-se nas primeiras décadas do século XX. A partir desse ponto, a ciência da paisagem começou a fazer parte de estudos e projetos em diversas áreas de paisagismo e planejamento. Em 1986, Richard Forman e Michel Gordon publicaram o livro *Landscape Ecology* em que definem a estrutura, função, mudança da paisagem, os corredores e a matriz, providenciando um arcabouço conceitual útil para o entendimento de como os processos ecológicos evoluem.

Para Meneguetti, (2005, p.168) a ecologia da paisagem surge então, nas últimas décadas, como uma tentativa de traduzir princípios ecológicos para a escala prática dos planejadores e arquitetos paisagistas, aglutinando conhecimentos diversos para entender a estrutura, função e mudanças das como um mosaico interagente de ecossistemas, conectados por fluxos de energia e matéria.

A paisagem é objeto de interesse de vários campos do conhecimento – filosofia, literatura, pintura, geografia, ecologia, arquitetura, urbanismo, arqueologia – e isto prova que nela coexistem as dimensões científicas, psicológicas, estéticas, que permeiam objetividade e subjetividade.

É a partir da paisagem que se torna possível a expressão territorial da diversidade do patrimônio (cultural e natural), e razão pela qual começa a ter sua proteção garantida por estatutos e legislações.

Bueno (2006) afirma que hoje a consciência da importância do ambiente na manutenção da vida do planeta já é tão difundida e aceita que a necessidade de proteção e conservação do ambiente, notadamente de seus patrimônios naturais e culturais, é parte integrante de programa de desenvolvimento de nações e dos requisitos exigidos pelas agências de fomento.

A proteção da paisagem ganhou importância e levou o Conselho Europeu a discutir a elaboração da Convenção Européia de Paisagem (CEP), que tem por objetivo *“incorporar a dimensão paisagística nas políticas públicas mediante o desenvolvimento de instrumentos de ordenação, gestão e fomento dos valores paisagísticos”*. Para os efeitos da presente Convenção *“a paisagem designa uma parte do território, tal como é*

apreendida pelas populações, cujo caráter resulta da ação e da interação de fatores naturais e ou humanos” (Convenção Européia da Paisagem, 2005, p.1025).

Menezes (1992) afirma que nas últimas décadas do séc. XX, a paisagem começou a assumir uma visão interdisciplinar, procurando uma compreensão harmônica e dinâmica dos processos naturais. Cada vez mais os projetos paisagísticos com um enfoque ambientalista ganham espaço, enfatizando a conservação dos recursos hídricos e sua importância para o meio ambiente. E que a preservação deve ser apresentada sempre como solução e que as intervenções, essa sim devam ser justificadas. Ou seja, preservar levando em conta as pessoas que vivem no local, os visitantes e demais espécies da fauna e flora, a partir deste olhar, propor soluções aos problemas encontrados na apropriação da paisagem. Outro fator preponderante para essa conservação é a manutenção das margens de rios e lagos que podem funcionar como corredores ecológicos.

Quer dizer que ações concretas devem ser feitas para evitar os problemas do mundo contemporâneo, devem ser criar novas alternativas, novas soluções que sejam práticas, viáveis que respeitem o meio ambiente, que preserve nossos recursos hídricos, que preservem nossa fauna, nossa flora, exemplos de ações concretas que pode contribuir são os Projetos Paisagísticos, os estudos da paisagem, entre outros.

3.7 - Estudo de Casos: Parque Gleba E, o Parque Mello Barreto e o Parque Fazenda da Restinga- atual Barra da Tijuca.

Foi através do conceito da ecogênese que Fernando Chacel realizou projetos de restauração paisagística em diversos Estados Brasileiros dentre os projetos paisagísticos implantados no Brasil que privilegiam as características da paisagem regional, citam-se como exemplos: O Parque da Gleba (1986), o Parque Mello Barreto e a Fazenda da Restinga (atual Barra da Tijuca) no Rio de Janeiro, ele referia-se dizendo “*A primeira intervenção com intenções de incorporar ao gesto paisagístico princípios conservacionistas e preservacionistas de recuperação de ecossistemas próprios da região da Barra da Tijuca foi o Projeto da Gleba E*”. Chacel (2013, p.49). Existem ainda o projeto da barragem de Paraibuna, em São Paulo onde ele recuperou as áreas degradadas e fez o paisagismo. Alguns autores dizem que essa área foi sua primeira experiência em termos de projeto paisagístico.

3.7.1 - O Parque da Gleba E e o Parque Mello Barreto

Estão situados às margens da lagoa da Tijuca (Figuras 07 e 08), dentro de um condomínio em uma área de preservação ambiental as margens de um complexo de

lagoas, estes dois parques, apesar de serem vizinhos e terem propostas de intervenção eco genética, apresentam situações de implantação bastante diferenciadas entre si.

Figura 07 - Localização em vermelho das áreas dos três parques



Fonte: Atlas das unidades de Conservação da Natureza do RJ, 2001, p. 15

Figura 08 - Planta de 1938, da Fazenda de Restinga



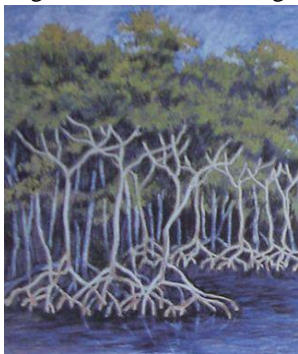
Fonte: Carvalho Hosjen, 1992

O projeto de restauração ecológica destas áreas foi uma proposta pioneira, tendo como base conceitual a convivência entre natureza e espaço construído, visando à melhoria da qualidade de vida e a valorização econômica da região.

Nessa área realizou-se o inventário florístico, o que possibilitou criar um programa de ação que estabelecia duas diretrizes: a preservação e restauração do manguezal e o replantio de espécies de restinga nos solos mais elevados, não sujeitos à ação das marés. *“Estas seriam as bases para o projeto da paisagem, no sentido de restabelecer uma cobertura vegetal que estivesse conectada com a região, com o solo, com o clima e que assegurasse a salvaguarda da fauna residual.*

Dessa maneira surgiram três modelos de intervenção na paisagem como modelo mangue (Fig.09), o modelo restinga (Fig.10) e o modelo parque (Fig.11).

Figura - 09 Modelo Mangue



Fonte: Chacel (2004).

Figura 10- Modelo Restinta



Fonte: Chacel (2004)

Figura 11 - Modelo Parque



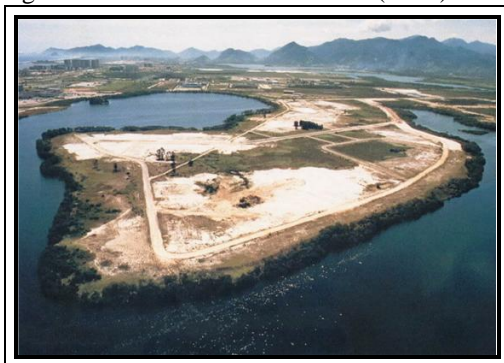
Fonte: Medeiros (2006)

1 - O modelo mangue foi, basicamente, a recuperação do manguezal, pois foram utilizadas mudas do próprio local, e estas espécies têm um grande poder de regeneração;

2 - O modelo restinga foi recriado através do processo de ecogênese, pois estava extinto no local; foram plantados elementos e associações vegetais de restinga estabelecendo-se as áreas de transição com o modelo mangue.

3 - O modelo parque enquadraria a área de transição paisagística, esse modelo a intenção do paisagista é criar uma "arborização provida de floração rica, alternada e colorida, permeada de palmeiras estabelecidas sobre áreas gramadas e relvadas, definisse o setor como um espaço aberto e colorido, de passeio e de convívio que caracteriza um parque"

Figura 12 - Vista aérea da Gleba E (antes)



Fonte: Chacel, 2001, p. 51.

Figura 13 - Planta baixa da implantação (depois)



Fonte: Dourado, 1997

Segundo Chacel, o sucesso do empreendimento começou a se manifestar com a volta progressiva da fauna; aves, répteis e anfíbios de diversas espécies passaram a ser observados no novo ecossistema. Durante quase vinte anos a Gleba E passou por um processo de recuperação ecogenética, e somente a partir de 2002 foram iniciadas as construções dos edifícios residenciais.

3.7.2 Parque Ambiental Professor Mello Barreto (Figura 14 e 15).

Esse parque foi o segundo projeto idealizado com base na ecogênese de Fernando Chacel, foi criado em 1994, e no ano seguinte teve seu projeto implantado. É impossível falar deste parque sem mencionar o Parque da Gleba E, pois além do fato de serem áreas contíguas, seu processo de implantação se deu em continuidade conceitual e metodológica ao processo iniciado anteriormente.

Sua vegetação originalmente era coberta por vegetação de manguezal, aos poucos foram desaparecendo em função das interferências de inúmeras invasões e

aterros, gerando com isso a quase total destruição dos manguezais, tudo isso sem o controle por parte do poder público.

Figura.14 -Planta de implantação do Projeto Parque Mello Barreto



Fonte Chacel, 2001, p.71.

Fig.15 - Vista dos manguezais do parque Mello Barreto



Fonte: Curado (2006)

Em 1992 o IPLAN-Rio fez um levantamento aerofotogramétrico onde constatou-se que a área do parque se encontrava em situação de degradação quase completa do ecossistema, com ocupações edilícias irregulares⁶ e sucessivos aterramentos. A situação dessa aérea era mais complexa do que o projeto da Gleba E (chacel, 2001), pois seria necessário demolir as construções e remanejar o solo aterrado.

A construtora Carvalho Hosken, juntamente com a ACIBARRA⁷, alegando que se tratava de apropriações indevidas sobre área pública, apresentaram uma proposta irrecusável à prefeitura do Rio: as edilícias irregulares seriam removidas do local e as famílias seriam transferidas para área próxima; assim a recuperação ambiental asseguraria a manutenção dos atributos paisagísticos do caminho de acesso ao Parque da Península.

Juntas as construtoras estabeleceram diretrizes que norteavam a recuperação do parque como recuperar o manguezal, introduzir a vegetação de restinga, fazer um jardim de bromélias e introduzir elementos da mata atlântica de forma abrangente, ou seja, não se restringia apenas às espécies do ecossistema específico da Barra da Tijuca, mas também as espécies provenientes de outras regiões de restinga e mata atlântica, no intuito de dar ênfase à vegetação típica de flora litorânea. Foram feitos todos os serviços previstos no contrato como a demolição das construções e retiradas de entulho, o remanejamento do solo arenoso, escavação do solo hidromórficos⁸, necessários ao desenvolvimento do manguezal, criação de um talude, que ajudaria a criar uma conexão paisagística entre o manguezal e área do parque.

⁶ Edilícias Irregulares São os condomínios horizontais (casas) e verticais (prédios).

⁷ ACIBARRA (Associação Comercial e Industrial da Barra da Tijuca),

Quanto ao solo, os únicos elementos de intervenção antrópica mantidos foram às árvores exóticas, como a maioria eram frutíferas, Chacel criou um jardim de espécies frutíferas autóctones como a pitanga, o cajueiro a grumixama a fruta pão e ainda formam plantados a salsa-de-praia e o guríri entre outras espécies.

Após doze anos de sua implantação, Chacel nota que o parque Mello Barreto apresenta uma boa massa vegetal, uma situação que cria uma zona de amortecimento protegendo o manguezal, ele afirma que: “todas estas ideias de ecogênese e recuperação da vegetação não são minhas. Há mais de cinquenta anos, o pessoal do Museu Nacional queria fazer coisas como esta. Nos anos de 1940, Burtle Marx fez um trabalho nesta linha, mas como não havia uma lei, jamais pode fazê-lo. Amim coube a tarefa de colocar o bloco na rua”. (....) “Muito já se fez, mas muito ainda há pra ser feito”

3.7.3 - O Parque Fazenda da Restinga- atual Barra da Tijuca.

Este parque faz referência a antiga fazenda que ocupava, anteriormente, ele teve sua origem a partir de estudos ambientais elaborado pela Resol Engenharia Ltda, hoje se situa o empreendimento Cittá América.

Segundo Chacel (2008, pag.81) *esse estudo tinha por finalidade, além de diagnosticar a situação ambiental, criar ações compensatórias capazes de tornar possível a remoção de um reduzido testemunho de mata de restinga, situada no limite lateral esquerdo do terreno.*

Ocupando uma área de quatro mil metros quadrados, o parque está situado dentro de área a ser urbanizada e sem possibilidade de permanência, face ao modelo de desenvolvimento praticado em toda a Barra da Tijuca. Mas, para que o parque fosse instalado era preciso a autorização da Secretaria Municipal de Meio Ambiente para sua remoção, isso dependeria de negociações, pelas quais futuros ganhos ambientais pudessem compensar com a retirada desse área da mata, após longas conversar e negociações pelos técnicos do meio ambiente e analisado e estudado as propostas mitigadoras foi concedida licença para retirada da vegetação.

⁸ **Solos Hidromórficos** são solos de áreas planas, baixas, de formação sedimentar recente, que margeiam os rios.

Foram criadas diversas medidas compensatórias que deveriam ser implantados pelos proprietários como a doação da área ao município; implantação do parque, entre as faixas de rolamento da futura Via Parque e a Lagoa da Tijuca; adoção e manutenção do parque por 05 anos; transplante de cento e cinquenta árvores adultas da mata residual, com altura superior de seis metros, para o interior do parque; construção e instalação de viveiro para receber as espécies transplantadas.

Mediante os acordos firmados entre as partes interessadas, deram início aos trabalhos de inventário e diagnóstico da área. Ficou claro que o projeto a ser implantado deveria ter como ponto de partida o manejo da cobertura vegetal da área, apenas degradada em alguns trechos, ou inexistentes nas clareiras anteriormente ocupadas por três construções.

Outro aspecto levado em consideração foi à valorização de árvores existentes ou transplantadas, nos conjuntos isolados do mosaico florístico da restinga, dentro da clareira principal.

IV – CAPÍTULO: As Orlas Brasileiras, seus encantos e desencantos.

Segundo o Projeto Orla do Governo Federal (2002), o Brasil possui uma linha contínua de 8.000 km de extensão, umas das maiores do mundo. Ao longo dessa faixa litorânea pode-se identificar diversas paisagens naturais como: mangues, dunas, restingas, ilhas, falésias, estuários, recifes, baías, brejos, praias, orlas. Sendo a orla urbana o foco de estudo.

Neste capítulo aborda-se um breve estudo sobre as orlas brasileiras fazendo um comparativo entre as regiões sul, sudeste, norte, nordeste e centro oeste, apontando seus encantos e desencantos.

4.1- Região Sul

• Orla de Guaíba – Porto Alegre

Poucas cidades do mundo desfrutam de posição tão privilegiada quanto a cidade de Porto Alegre, capital do Rio grande do sul que possui uma área de aproximadamente 500 km², com uma geografia diversificada, com morros, baixadas e um grande lago, o Guaíba, porém sofre com a falta de infraestrutura adequada nas orlas de sua cidade. No caso do lago de Guaíba a situação não é diferente de outras orlas brasileiras que são esquecidas de investimentos pelos poderes públicos, porém existe um projeto ousado e inovador do arquiteto Jaimer Lerner que pretende mudar a dinâmica do lugar e transformar a orla em referência dentro da região.

Para Melendez (2013) as soluções urbanísticas que deram a Lerner projeção mundial foram implantadas, sobretudo, em Curitiba, sendo que em Porto Alegre também tem sido palco de grandes concepções do arquiteto.

Ele afirma que logo depois da construção do Cais Mauá, o arquiteto e equipe desenvolveram o projeto de requalificação da Orla do Guaíba, lago que margeia boa parte da capital gaúcha. Para Lerner, *“apesar de ser área nobre, a margem do lago não tem sido aproveitada em todo o seu potencial”*.

Figura 16- planta de implantação da Orla de Guaíba.



Figura 17 - Maquete da Orla de Guaíba.



Fonte:<http://www.arcoweb.com.br/arquitetura/jaime-lerner-arquitetos-associados-parque-orla-guaiba-porto-alegre-20-05-2013.html>

Figura 18 - Maquete da Orla de Guaíba



Figura 19- Maquete de Orla de Guaíba



Fonte:<http://www.arcoweb.com.br/arquitetura/jaime-lerner-arquitetos-associados-parque-orla-guaiba-porto-alegre-20-05-2013.html>

O Parque da Orla do Guaíba foi dividida em três setores: gasômetro, armazéns e docas como mostra a figura 22. No Setor Gasômetro, ficou o centro comercial, o Setor Armazéns ficou o waterfront, decks, via arterial, armazéns, pórtico principal, SPM, terminal hidroviário e praça sombra e o Setor Docas os hotel Business Park, business park, frigorífico, waterfront, via de acesso e principal acesso veicular.

Figura 20 – Setorização do Parque da orla de Guaíba



Fonte:<http://www.arcoweb.com.br/arquitetura/jaime-lerner-arquitetos-associados-parque-orla-guaiba-porto-alegre-20-05-2013.html>

Para o entorno da usina foi previsto a implantação de um terminal turístico de barcos, com área para embarque e desembarque de passageiros, e a construção de um deque de madeira sobre pilares de concreto e as respectivas áreas de apoio (bilheteria, sanitários e área de espera).

A Praça Júlio Mesquita, foi incorporada ao projeto para fazer a transição entre o centro histórico de Porto Alegre e a orla. Foram aumentados o trecho gramado e a arborização da praça do Gasômetro, onde foi construído uma baia para o desembarque de passageiros de ônibus turísticos e táxis e nas imediações da usina, foi construído um bar em formato circular, sobre a água. Foram construídos ainda uma pista de caminhadas e uma ciclovia, um canteiro de um metro de largura, com espécies vegetais agregadas às existentes e vegetação arbustiva e de forração ordenando a circulação, escadas e rampas mais alta do dique aos patamares inferiores. Bares, quiosques, sanitários, depósitos e módulos de segurança foram implantados na transição para a faixa elevada, cujos pisos, deverão estar protegidos das cheias.

A intenção do projeto segundo Jaimer Lerner era incorporar a Orla de Guaíba ao dia a dia da população e ainda ironizando “É uma intervenção para agradar gremistas e colorados”.

4.2 - Região Sudeste

Praia de Copacabana- Na região sudeste foi escolhida a Praia de Copacabana, por ser considerada uma das praias mais famosas do mundo, e é carinhosamente apelidada pela população de "Princesinha do Mar" está localizada no bairro de Copacabana, na Zona Sul da cidade do Rio de Janeiro, no Brasil. A praia está limitada pela Avenida Atlântica, suas areias são consideradas palco de sede de grandiosos eventos, como campeonatos mundiais de futebol de areia, campeonatos mundiais de vôlei, shows de até 1000000 pessoas e é também onde acontece o maior reveillon brasileiro realizado em orla.

Em 2013 , mas precisamente no dia 28 de julho a praia recebeu o recorde de público durante a Missa de Envio da Jornada Mundial da Juventude com o Papa Francisco, tendo sido estimado mais de 3 500 000 de pessoas.

O desenho em curvas de sua calçada em padrão mar largo, simulando as ondas do mar, é conhecido no mundo todo. Foi, originalmente, concebido no século XIX, nas calçadas da Praça de Dom Pedro IV, mais conhecida como Praça do Rossio, em Lisboa,

em Portugal, para homenagear o encontro das águas doces do Rio Tejo com o Oceano Atlântico, e implantado em 1901 no Largo de São Sebastião, em Manaus, pelos calçadeiros portugueses, em comemoração à Abertura dos Portos do Rio Amazonas (embora esta calçada já estivesse planejada desde a década de 1880, quando o Teatro Amazonas, concluído em 1896, começou a ser pensado). Inicialmente, as ondas tinham orientação perpendicular em relação ao comprimento da calçada.

Foram confeccionadas com pedras pretas (de basalto) e brancas (de calcita). Como as pedras vieram, inicialmente, das cercanias de Lisboa, elas receberam o nome popular de "pedras portuguesas", denominação que se mantém até hoje, apesar de elas já serem extraídas no próprio Brasil.

No final da década de 1910, surgiram os primeiros postos de salvamento na praia.

Em 13 de agosto de 1923, foi inaugurado o Hotel Copacabana Palace, em frente à praia. Desde então, o hotel tornou-se um símbolo da cidade.

No decorrer das décadas de 1930, 1940 e 1950, a praia viveu seu período áureo, quando tornou-se a praia mais frequentada da cidade, suplantando a Praia do Flamengo e recebendo a alcunha de "princesinha do mar".

Figura 21 - Quiosques da Praia de Copacabana



Fonte: <http://www.vejanomapa.com.br/calcao-de-copacabana-rio-de-janeiro-rj>

Figura 22- Estátua de Carlos Drummond



Figura 23- Calçadão de Copacabana



Fonte: <http://www.vejanomapa.com.br/calcao-de-copacabana-rio-de-janeiro-rj>

4.3 - Região Nordeste

Orla da praia de Iracema (Fortaleza)

A Beira-mar de Fortaleza foi rasgada só em 1963. Porém, ela sempre existiu antes dessa data. A praia de Iracema surge, nos anos 1920, como uma novidade no contexto de Fortaleza: um balneário que passa a congregar os grupos mais ricos da cidade, introduzindo uma inédita forma de lazer dentro da cultura local. Antes o local se chamava "Praia do Peixe" e ficou conhecida com esse nome até 1925.

Figura 24 - Orla da Praia de Iracema (noite) .



Fonte: Google

Figura 25- Orla da Praia de Iracema (dia).



Fonte: Google

- **Orla da praia de Iemanjá (João Pessoa)**

A praia de Iemanjá é o ponto turístico mais atrativo de João Pessoa devido sua localização, propiciar uma visão privilegiada da orla, além de acomodar a imagem de Iemanjá, caracterizando o uso religioso da área.

Figura 26 - Imagem de Iemanjá

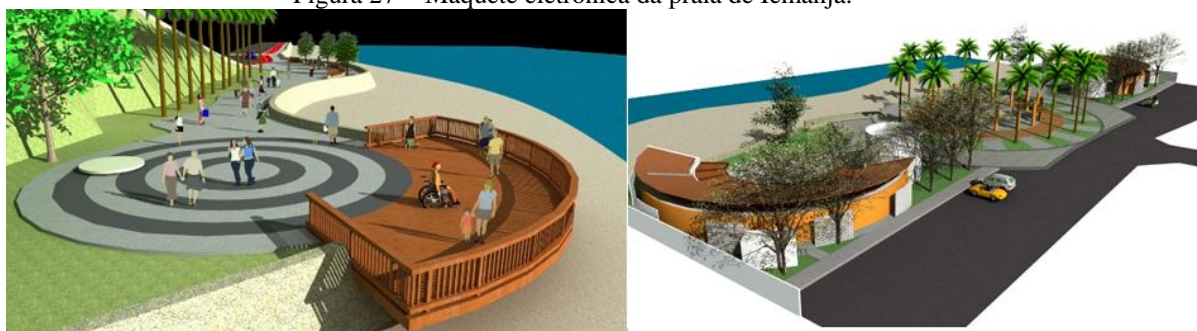


Fonte: Google

Segundo a Secretaria de Planejamento da cidade, o projeto se insere dentro do contexto do Parque Cabo Branco e se adéqua a preservação ambiental na paisagem urbana, o local será todo de piso intertravado com bancos de madeira e concreto, será construído um deck de madeira que deverá possibilitar ao visitante mais comodidade.

A proposta visa requalificar urbanisticamente a praça, deixando livre a maior área possível para contemplação, recuando o arrimo existente em alguns trechos com uma faixa variável de até 15 metros devolvendo a natureza uma faixa maior de praia e de contemplação à imagem de Iemanjá.

Figura 27 - Maquete eletrônica da praia de Iemanjá.



Fonte: Google

- **Orla da Praia da Ponta Verde (Maceió)**

A Orla marítima de Maceió é considerada a mais linda do Atlântico na América do Sul, emoldurada por vastos coqueirais, caminhadas pelo calçadão, banhos de mar e parada nos quiosques à beira-mar, para beber água de coco ou cerveja; degustar deliciosos petiscos e a tradicional tapioca está na agenda de qualquer turista que desejar passar alguns dias na cidade.

Na área urbanizada das praias de Pajuçara, Ponta Verde, Jatiúca e Cruz das Almas, concentram-se os grandes hotéis e confortáveis pousadas, há calçadão, ciclovia.

Conhecida por ter um dos trechos de praias urbanas mais belas do Brasil, Maceió a terra dos Marechais, oferece um clima hospitaleiro para os turistas que desejam conhecer esta joia do litoral nordestino, com belezas naturais incomparáveis.

A praia de Ponta Verde possui o mar calmo, água verde-clarinha é a melhor praia urbana de Maceió, com quiosques que funcionam como bares e restaurantes

Figura 28 – Orla da Ponta Verde em Maceió.



Fonte: Google

Figura 29 – Orla da Ponta Verde em Maceió



Fonte: Google

2.9.4 – Região Norte

- **Orla de Belém do Pará.**

De acordo com Cordeiro, Saint-Clair. A orla fluvial de Belém possui alguns espaços dotados de especificidades dadas pela tipologia de usos apresentada por essa área, subdividida em: orla sul, de localização meridional no município e onde ainda predominam alguns traços de atividades e agentes mais ligados à face “ribeirinha” da cidade; orla central, que engloba o centro histórico e a principal área comercial e portuária da cidade, mas com considerável áreas sob controle de esferas diferenciadas do poder público; orla oeste, que apresenta um intenso uso capitalista de larga escala, numa área de expansão urbana em direção ao distrito de Icoaraci; orla norte, de ocupação mais recente no contexto municipal; orla insular, com formas naturais mais preservadas e de grande potencial para usos de lazer e turismo.

Para Pontes, Juliano (2004 p.48) *A orla de Belém teve diversas formas de uso ao longo do tempo. Estas formas incluem desde o aproveitamento econômico (indústrias, serviços, comércio) até a instalação de estruturas do Estado e do Poder público em geral. Isto se deve a grande importância de localização da cidade as margens do rio Guamá e da Baía de Guajará e a forma como o desenvolvimento do núcleo urbano foi se valendo das possibilidades destes recursos.*

A orla de Belém é extensa e agrega várias concepções urbanísticas, em destaque a estação das docas, o complexo de Ver-o-Peso, os boulevares, o complexo ver-o-rio e a nova orla

Inaugurado em 13 de maio de 2000, a Estação das Docas é um complexo turístico e cultural que congrega diversos ambientes, entre eles: gastronomia, cultura, moda e eventos. São 32 mil metros quadrados divididos em três armazéns e um terminal de passageiros.

Os Boulevares foram resultado de um cuidadoso trabalho de restauração dos armazéns do porto da capital paraense. Os três galpões de ferro inglês são um exemplo da arquitetura característica da segunda metade do século XIX

Ver-o-Rio é um ponto turístico bastante visitado, em Belém do Pará. Ocupa uma área de cinco mil metros quadrados de frente para a baía do Guajará, o projeto alia contemplação à natureza com a praticidade na utilização do espaço urbano.

Figura 30 – Orla de Belém (Estação da Docas).



Fonte: Google

Figura 31 - Orla de Belém (Ver-o-Peso)



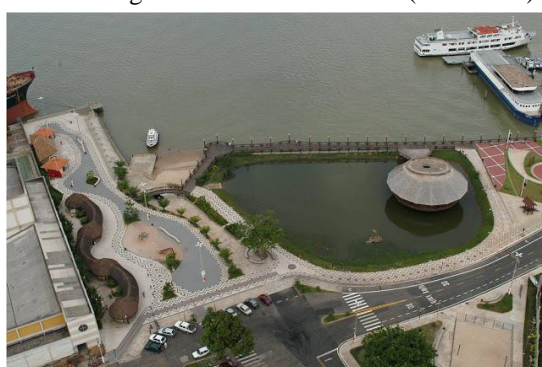
Fonte: Google

Figura 32 - Nova Orla de Belém



Fonte: Google

Figura 33 - Orla de Belém (Ver-o-Rio)



Fonte: Google

- **Orla de Alter do Chão (Santarém)**

Figura 34 - Orla de Alter do chão



Fonte: Google

Figura 35 - Orla de Alter do Chão



Fonte: Google

Santarém é a principal cidade do oeste do Pará, conhecida como a “pérola do Tapajós, localizada a 850 km de Belém, é uma das cidades com maior potencial turístico do estado. Em frente da cidade é possível ver o encontro dos rios que não se misturam, de um lado o Amazonas com suas águas barrentas e de outro lado, o rio Tapajós com suas águas azul-esverdeadas, proporcionando um grande espetáculo.

Santarém atrai turistas pela sua beleza, sejam pelo encontro dos rios Amazonas e Tapajós, seja pela prédios históricos ou ainda pelos 1.992 km de praias exóticas e primitiva como é o caso de Alter do Chão que está localizada a 30 km do centro de Santarém, no Pará, é considerada o Caribe Brasileiro, suas águas cristalinas já atraíram até mesmo o príncipe Charles, quando veio ao Brasil em 2009 e nesse mesmo ano, foi escolhida pelo jornal inglês The Guardian como a praia de água doce mais bonita do mundo.

Situada em meio à Floresta Amazônica, a região foi agraciada pela natureza com uma praia fluvial, que surge devido à diminuição do volume periódico dos rios que passam por ali, sobretudo entre agosto e dezembro, principalmente o Tapajós. O resultado é uma mistura de tons verdes e azuis nas águas, que lembram as águas dos oceanos.

- **Orla de Macapá – Amapá**

Figura 36 - Orla de Macapá.



Fonte: Google

Figura 37- Orla de Macapá.



Fonte: Google

É banhada pelo Rio Amazonas o maior rio do mundo em extensão e volume d'água, isso por si só garantiria o potencial atrativo posto que *“é perceptível o fascínio que os recursos hídricos exercem sobre as pessoas, pois de maneira geral, quando planejam suas férias ou simplesmente o lazer do final de semana, as pessoas buscam, na maioria das vezes, locais que envolvam água tais como piscinas, lagos, rios, cachoeiras, etc.”* (Lima, 2007).

A grande parte da orla de Macapá é singular por diferentes motivos, por possuir uma grande área de paisagem natural, preservada e tipicamente amazônicas, por se tratar de uma orla urbana, e que abriga diversas atividades humanas tradicionais, como a carpintaria naval, que conformam uma paisagem tipicamente nortista, um fragmento ribeirinho que resiste às pressões da outra cidade, a que se globaliza e evolui. Graças a estas características a cidade de Macapá possui elevado potencial turístico, entendendo turismo como a atividade descrita pelo Ministério do Meio Ambiente como:

“O movimento temporário de pessoas para local diferente de suas residências e trabalhos habituais, as atividades realizadas durante sua permanência e as facilidades criadas para atender as necessidades dessas pessoas” (Ferreira e Coutinho (2002) e a Organização Mundial de Turismo ou ainda.

“Como o conjunto de atividades que as pessoas realizam durante suas viagens e estadas em lugares distintos do seu entorno habitual, por um período de tempo inferior a um ano, com fins de lazer, negócios e outros motivos não relacionados com o exercício de uma atividade remunerada no lugar visitado.”

(CUENTA, 2001 apud IBGE, 2010)

- **Orla de Oiapoque (Atual proposta e realidade).**

A orla de Oiapoque é o foco dessa pesquisa, possui uma área total de 1.727,31 mt², sendo apenas 420 mt² urbanizado em estado precário e apresenta inúmeras deficiências quanto sua infraestrutura. Para melhor compreensão a orla foi dividida em três áreas leste, área central e área oeste.

Observa-se em toda extensão da orla, principalmente na área leste, aglomerados de casas, barcos, postos de combustíveis, associações, palafitas, sem nenhum tipo de estrutura, ainda é possível observar o despejo de dejetos direto no rio Oiapoque e uma central de captação de água sem nenhum tipo de tratamento, além da falta de iluminação, saneamento, entre outros fatores citados nesta pesquisa.

De acordo com informações do secretário de infraestrutura da prefeitura, existe uma proposta de urbanização que pode ser visto através de figuras 40, 42 e 44 que teve início, porém encontra-se com os serviços paralisados a mais de cinco, sem previsão de retomada, não foi informado o motivo da paralisação das obras.

A realidade de Oiapoque não é diferente de outros estados brasileiros, que sofrem com descasos dos serviços públicos, porém existem propostas que podem modificar esse realidade, como é o caso desta pesquisa que tem como objetivo principal elaborar uma proposta paisagística e urbanística para a orla do Município Oiapoque, valorizando a fauna, a flora e a própria cultura, com baixo custo, envolvendo a comunidade, a prefeitura, as tribos indígenas que produzem um artesanato expressivo e que deve ser valorizado por todos.

O projeto foi pensado de acordo com a necessidade do local, das pessoas que ali frequentam e principalmente das pessoas que trabalham naquela Orla.

Através da aplicação de questionários sócios econômicos foi detectado que os frequentadores da orla, clamam por uma Orla digna de uma fronteira, digno de ser frequentado e valorizado por nós brasileiros, porque o Oiapoque é o começo do Brasil e deve-se fazer jus à frase “AQUI COMEÇA O BRASIL”.

Figura 38 - Nova proposta Deck da Orla (maquete).



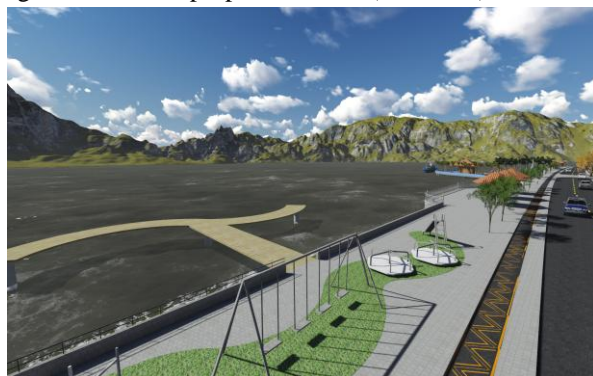
Fonte: Palmerim (2014)

Figura 39 – Atual deck da Orla



Fonte: Palmerim (2012)

Figura 40 – Nova proposta de Píer (área leste).



Fonte: Palmerim (2014)

Figura 41 - Cais improvisado (área leste).



Fonte: Palmerim (2012)

Figura 42 - Proposta de pavimentação para rua em frente a Orla com novos quiosques ,arborização (área oeste)



Fonte: Palmerim (2012).

Figura 43 - Rua em frente a Orla (área oeste).



Fonte: Palmerim(2014)

V - CAPÍTULO: A PROPOSTA PAISAGÍSTICA E URBANÍSTICA

5.1 – Espécies Nativas e Exóticas da Orla

Segundo o Programa das Nações Unidas para o Meio Ambiente de 1992 as espécies exóticas são aquelas que ocorrem em uma área fora de seu limite natural historicamente conhecido, como resultado da dispersão acidental ou intencional através de atividades humanas.

É comum serem usadas apenas fronteiras políticas para considerar uma espécie exótica ou nativa, mas esse critério diverge do correto conceito ecológico que determina ser exótica qualquer espécie proveniente de um ambiente ou região ecológica diferente. Portanto, espécies dentro de um mesmo país ou estado podem ser consideradas exóticas se introduzidas em ecossistemas onde não ocorriam naturalmente. (Zalba. 2006).

O Brasil é um País com grande potencial em diversas áreas seja no turismo, na economia, na cultura, na hidrografia (um dos maiores reservatórios aquáticos do mundo) assim como na fauna e flora e em se tratando do Município de Oiapoque não é diferente do dos outros estados brasileiros, sua flora e bem diversificada dos outros Municípios.

Em função das estações climáticas, verificou-se durante as pesquisas de campo que na Cidade de Oiapoque é muito comum o aparecimento de espécies florísticas no decorrer do ano. Durante a estação chuvosa (janeiro a junho) é possível observar nas estradas e na cidade o aparecimento de helicônias bicos de guará, diversos tipos de bromélias silvestre, os ipês amarelos que tomam conta da floresta brasileira e principalmente do lado francês.

E durante a estação ensolarada (julho a dezembro) outras espécies pode ser encontradas ao longo da BR 156.

Fotos - 07 grama esmeralda



Fonte: Palmerim(2012)

Fotos - 08 grama esmeralda



Fonte: Palmerim(2012)

Fotos - 09 helicônias bico de guará



Fonte: Palmerim (2012)

Fotos – 10 Ipê Amarelo



Fonte: Palmerim(2012)

Fotos – 11 Sibriuna



Fonte: Palmerim(2012)

Fotos – 12 Flores Silvestres



Fonte: Palmerim(2012)

Fotos 13- Orquídeas



Fonte: Palmerim (2012)

Fotos 14- Orquídeas



Fonte: Palmerim (2012)

Fotos 15 - Orquídeas



Fonte: Palmerim (2012)






Quanto a decisão de usar ou não espécies nativas e exóticas na arborização de um espaço público é muito relativo, no caso do paisagismo de Oiapoque optou-se por usar as plantas nativas da região, muito comum, principalmente em toda extensão da orla urbana entre elas podemos citar *Euterpe Oleracea* (açai), *mauritia flexuosa* (buriti), *oenocarpus bacaba*, *Eugenia malacensis* (jambeiro), *bactris gasipals* (pupunheiras), *roystonea Oleracea* (palmeira imperial), *vitória régia*, *aguapés*, entre outros espécies típicas . (Mapa Botânico).






Figura 44 - Espécies utilizadas na pesquisa












Fonte: Google







5.2 - MAPA BOTÂNICO







Imagem	Nome Popular	Nome Científico	Época de floração	Utilização	Altura	Onde foi utilizado?
	Açaizeiro	Euterpe Oleracea	O ano todo	Ruas, avenidas, jardins, praças e parques	5 a 10 mt	Deck e alguns trechos da rua barão do rio branco
	Ipê Amarelo, Branco e Roxo	Tabebuia achracea	verão	Ruas, avenidas, jardins, praças e parques	5 a 10 mt	Canteiro Central da Av.Barão do Rio Branco.
	Palmeira Imperial	Roystonea Oleracea	O ano todo	Ruas, avenidas, jardins, praças e parques	5 a 25 mt	Foram mantidas as palmeiras existentes na Av. Barão do Branco e implantados as redor do monumento histórico.
	Jambreiro	Eugenia malacensis	O ano todo	Parques	15 a 25	Foram mantidas as arvores existentes na área leste, ponte a ponte de concreto e área oeste próxima ao monumento.
	Flamboya nt	Delonix regia	Primavera	Ruas, avenidas, jardins, praças e parques	25 mt	Foram mantidas as 04 árvores existentes na, área oeste.

	Jaqueiras	Artocarpus integrifolia	Verão	Parques	10 a 20 mt	Não foram utilizadas na proposta apenas foram mantidas as existentes na área leste próximo a ponte de concreto
	Mangueiras	Ongifena Inólíca	Inverno	Ruas, avenidas, jardins, praças e parques	10 a 12 mt	Foram mantidas as existentes na AV. Barão do Rio Branco
	Oitizeiros	Licânia Tomentosa	O ano todo	Ruas, avenidas, jardins, praças e parques		Foram mantidas as existentes na Av. Barão do Rio Branco
	Taja	Caladium bicolor	O ano todo	Em parques, jardins, ruas e avenidas	2,5 a 3.0	Encontradas nas áreas alagadas e em algumas casas, foram inseridas no paisagismo da orla. No jardim próximo ao monumento.
	Palmeira Areca bambu	Dypsis lutescens	O ano todo	Ruas, avenidas, jardins, praças e parques	6 a 18 mt	Encontradas em casas, jardins e balneários da cidade. Dentro do projeto foram utilizados nas calçadas do corredor verde turístico.

	Buritizeiros	Mauritia Flexeosa l.f.	O ano todo	Ruas, avenidas, jardins, praças e parques	15 a 25 mt	Encontradas em toda extensão da orla, por se uma espécie que se adapta em áreas alagadas foram implantadas na área leste e mantidas as existentes na área oeste.e parques
	Palmerias Silvestres	Não identificado	O ano todo	Parques e margens de copos d'água	15 a 25	Encontradas ao longo da BR 156 e dentro da cidades nos bairros mais afastados do centro
	Palmerias coloniais	Roystonea Oleracea	O ano todo	Ruas, avenidas, jardins, praças e parques	10 a 15 mt	Foi a segunda espécie mais usada no corredor verde e turístico , principalmente na Av. Barão de Rio Branco.
	Ixoras	Ixora coccinea	O ano todo	Ruas, avenidas, jardins, praças e parques	0.9 a 1.2 m	Mantidas as ixoras existentes ao lado do monumento histórico.
	Bambu	Fhyllostachyus Pubscens	O ano todo	Área leste da orla	10 a 25 mt	Localizado na área leste , foram mantidas no projeto .

	Papoula		verão	Ruas, avenidas, jardins, praças e parques	Não foi incluída no projeto	Encontrada nas ruas e avenidas da cidade
	Orquideas Silvestres		O ano todo	Ruas, avenidas, jardins, praças e parques		Tipo raro de flores encontradas com muita frequência em Clevelandia e nas matas da cidade.
	Mata de Aningá	Dieffenbachia pit schott	O ano todo	Em frente a orla urbana		Mantidas as existentes . próximas ao viveiro de pássaros, borboletário , área leste, próximo a primeira ponte.
	Mata de Aningá	Dieffenbachia pit schott	O ano todo	Em frente a orla urbana		Mantidas as existentes . próximas ao viveiro de pássaros, borboletário , área leste, próximo a primeira ponte.
	Mata de igapó		O ano todo	Em frente a orla urbana		Preservadas na proposta

	Pupunheiras	Bactris Gasipals	O ano todo	Área leste da orla	15 a 25	Foi mantida na proposta por existir na área leste
	Flores silvestres	Não identificadas	O ano todo	Ruas, avenidas, jardins, praças e parques		não inserida na proposta
	Brasileirinha		O ano todo			Estacionamento do Terminal Rodoviário. não inserida na proposta
	Bastão do imperador			Ruas, avenidas, jardins, praças e parques		não inserida na proposta
	Bromélias			Ruas, avenidas, jardins, praças e parques		Jardim ao lado dos monumento históricos
	Alamanda	Allamanda cathartica		Ruas, avenidas, jardins, praças e parques		Jardim ao lado dos monumento históricos

	Alpinia purpurata	Gengibre vermelho	O ano todo	Ruas, avenidas, jardins, praças e parques		Jardim dos Monumento
	Aguapés	Familia Nymphaeacea	O ano todo	Ruas, avenidas, jardins, praças e parques		Jardim aquático do deck
	Vitória Régia	Familia Nymphaeacea	O ano todo	Ruas, avenidas, jardins, praças e parques		Jardim Aquático do Deck
	Aguapés	Familia Nymphaeacea	O ano todo	Ruas, avenidas, jardins, praças e parques	1,5 mt	Jardim Aquático do Deck
	Ninfas	Familia Nymphaeacea	O ano todo	Ruas, avenidas, jardins, praças e parques		Jardim Aquático do Deck
	Bulgaville	Bougainvillea	O ano todo	Ruas, avenidas, jardins, praças e parques	2 a 10	Pergolado do Deck

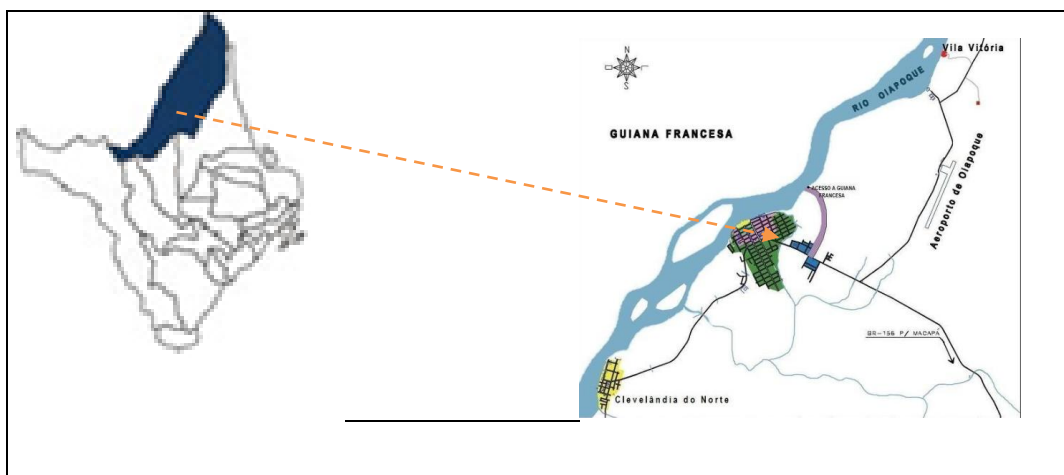
5.3 - MEMORIAL DESCRITIVO E JUSTIFICATIVO

PERFIL DA ORLA

- ✚ Ausência de área para lazer e contemplação
- ✚ Ausência de pavimentação nas calçadas, ciclovias e ciclo faixas
- ✚ Embarque e desembarque de turistas, indo e vindo de Cayena para Oiapoque.
- ✚ Funcionamento intenso nos três turnos, principalmente a noite;
- ✚ Iluminação e arborização precária;
- ✚ Inexistência de mobiliário urbano (bancos, lixeiras, placas, bicicletário, ect
- ✚ Tipo de frequentadores: Brasileiros, Franceses, Guianenses, etc...
- ✚ Turística e comercial;

LOCALIZAÇÃO DA ORLA

Fica localizada no rio Oiapoque que nasce na serra do Tumucumaque (ao norte do Brasil) e deságua no oceano Atlântico. O rio Oiapoque separa o Amapá da Guiana Francesa. O município é o mais distante da capital do Estado do Amapá. E é também a principal referência nacional, quando se quer determinar os pontos extremos do Brasil (do Oiapoque ao Chuí). Este município foi criado pela Lei nº 7.578, de 23 de maio de 1945.



Orla do Município de Oiapoque

Fonte: Blog sport José Alberto Tostes

ESPAÇO FÍSICO

Área total da Orla de Oiapoque 2.010 km.

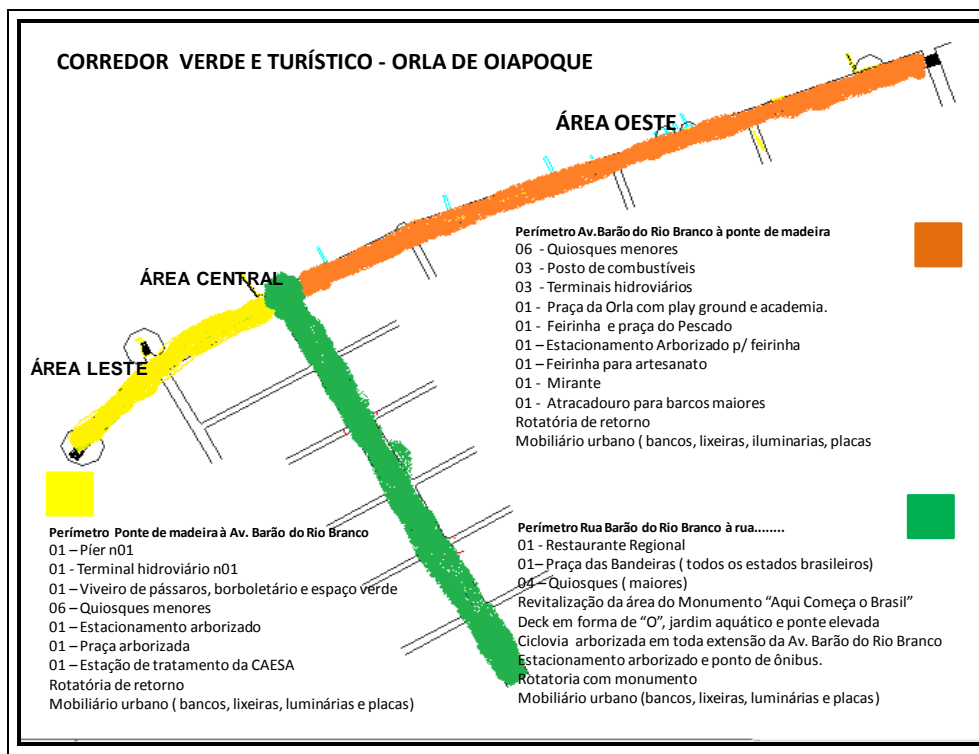
Área de intervenção do projeto 1.132 km



ASPECTOS IMPORTANTES E RELEVANTES DA ÁREA

- ✚ Acessibilidade: está localizada no Rio Oiapoque
- ✚ Área com fluxo constante de pessoas , veiculos e embarcações marítimas
- ✚ Área pouco arborizada;
- ✚ Ausência de calçamento e meio fio.
- ✚ Diferença de nível: certa parte declive;
- ✚ Existe rede de energia elétrica; porém com iluminação precária;
- ✚ Na infraestrutura não existe presença de serviços públicos como: rede de esgoto; água tratada, pontos de ônibus, estacionamentos; etc.
- ✚ O Rio Oiapoque fica localização na fronteira entre Brasil e França;
- ✚ Possui um rico corredor de espécies nativas como açaí, bacaba, buriti, jaca,etc;
- ✚ Quiosques e banheiros sem funcionamento e subutilizado
- ✚ Solo de firme; terreno com desnível;

PROGRAMA DE NECESSIDADES PARA A ORLA DE OIAPOQUE



AREA LESTE: (Av. Veiga Cabral a Av. Barão do Rio Branco)

- 01 – Píer 01
- 01 - Terminal hidroviário
- 01 – Viveiro de pássaros da região
- 01 – Borboletário
- 01 – Espaço verde
- 06 – Quiosques menores
- 01 – Estação de tratamento da CAESA (não faz parte projeto)
- ✚ Rotatória de retorno
- ✚ Estacionamento arborizado com ponto de ônibus
- ✚ Mobiliário urbano (bancos, bicicletário, lixeiras, luminárias, placas, etc.)

AREA CENTRAL: (Av. Barão do Rio Branco a Av Coaracy Nunes)

- 01 - Restaurante Regional
- 01 – Praça das Bandeiras (Estados brasileiros)
- 02 – Praças com academia e play ground
- 01 - Terminal hidroviário

06 – Quiosques (maiores)

Revitalização da área do Monumento “Aqui Começa o Brasil”

Deck para contemplação do rio Oiapoque em forma de “O” e jardim aquático.

Ciclovía, ciclo faixas em toda extensão da Av. Barão do Rio Branco

Estacionamento ao longo da avenida.

Mobiliário urbano (bancos, bicicletário, lixeiras, luminárias, placas, etc.)

AREA OESTE: (Av. Coaracy Nunes a Av. Nair Guarany)

06 quiosques

03 Posto de combustíveis

03 Terminal Hidroviário

01 Feirinha do pescado e Praça

01 Mirante

Atracadouro para barcos maiores

Rotatória de retorno

Estacionamento com ponto de ônibus

Mobiliário urbano (bancos, lixeiras, iluminarias, placas, etc.)

Praça da Orla com play ground, academia ao ar livre, caramanchão, lanchonete, quadra de areia.

SETORIZAÇÃO

De acordo com PDUO a Orla esta inserida no Setor 1 - comercial

MOTIVAÇÃO

A motivação para elaboração da proposta deve-se a inúmeras fatores, o primeiro por fazer parte de um grupo de pesquisa, da localização fronteiriça, a Ponte Binacional, a diversidade de espécies, curiosidades, a exuberante paisagem urbana, a falta de infraestrutura, enfim, vários fatores contribuíram para a escolha do local.

O presente Memorial descreve de maneira sucinta as soluções dotadas para a implantação de uma Proposta de Paisagismo e Urbanismo para Orla urbana de Oiapoque, perfazendo uma área total de 2.010 m², sendo utilizado somente 139 mt e o restante sendo área de preservação ambiental, a pesquisa está dividida em 03 partes: Diagnóstico, Plano Conceitual e Partido.

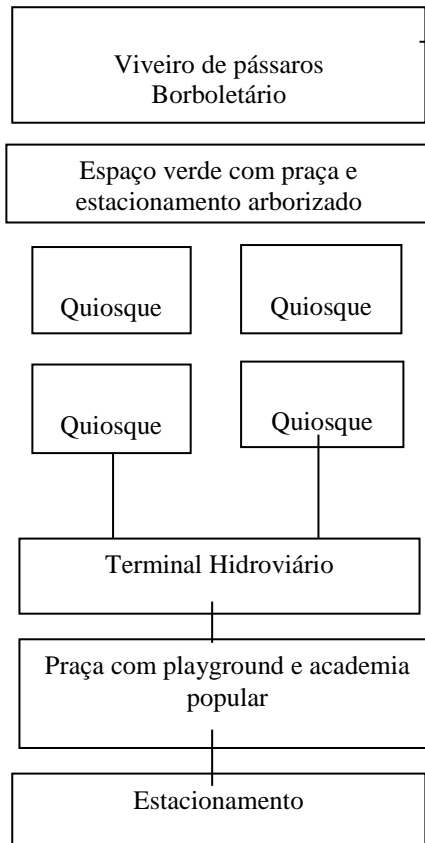
O Projeto de Paisagismo e Urbanismo para Orla de Oiapoque é destinado a atender à todos os tipos de público, de todas as classes e de todas as raças com funcionamento contínuo e de

acordo com o programa de necessidades está previsto uma nova revitalização para orla com novo traçado; valorizando a cultura local, principalmente o artesanato indígena..

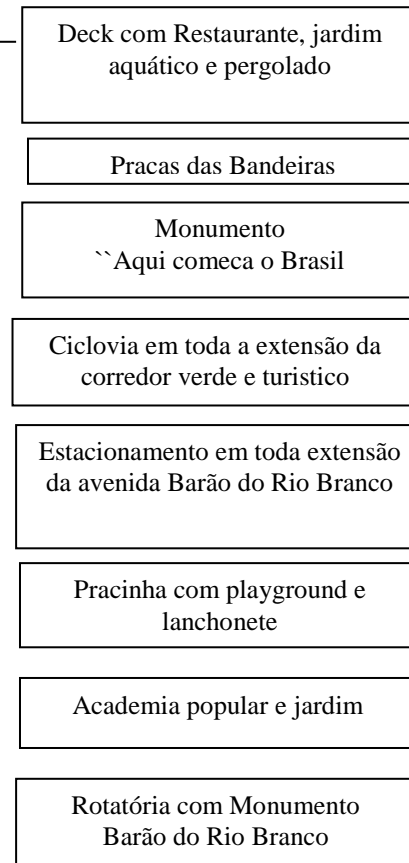
O acesso poderá ser feito pela rua principal Rua Joaquim Caetano de Souza via que passa em frente da cidade, onde o fluxo de taxis, moto taxis e vans é maior, neste percurso é intenso ,não existem serviços de transportes públicos coletivos na cidade e quanto ao estacionamento serão propostos em toda a extensão corredor verde e turistico para melhor qualidade de vida dos frequentadores da Orla, os outros acessos poderão ser feitos pelas Avenidas Barão do Rio Branco e Coaracy Nunes, que cortam a orla , sentido norte e sul.

ORGANOGRAMA

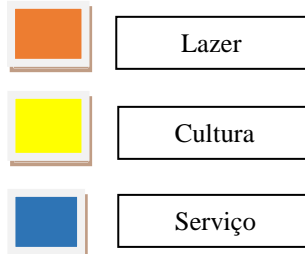
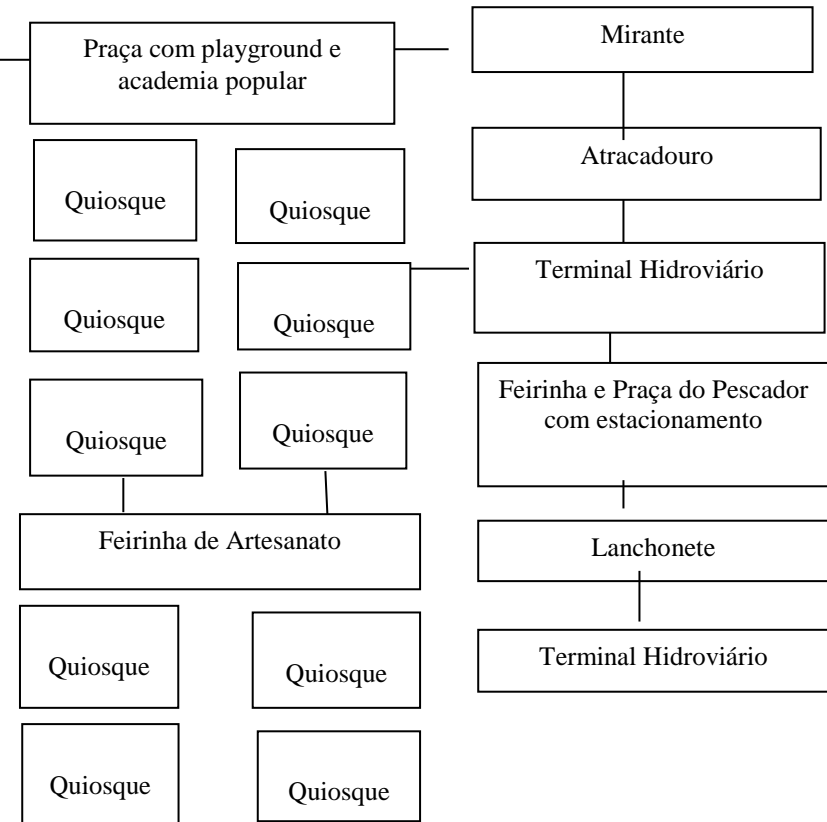
Área Leste



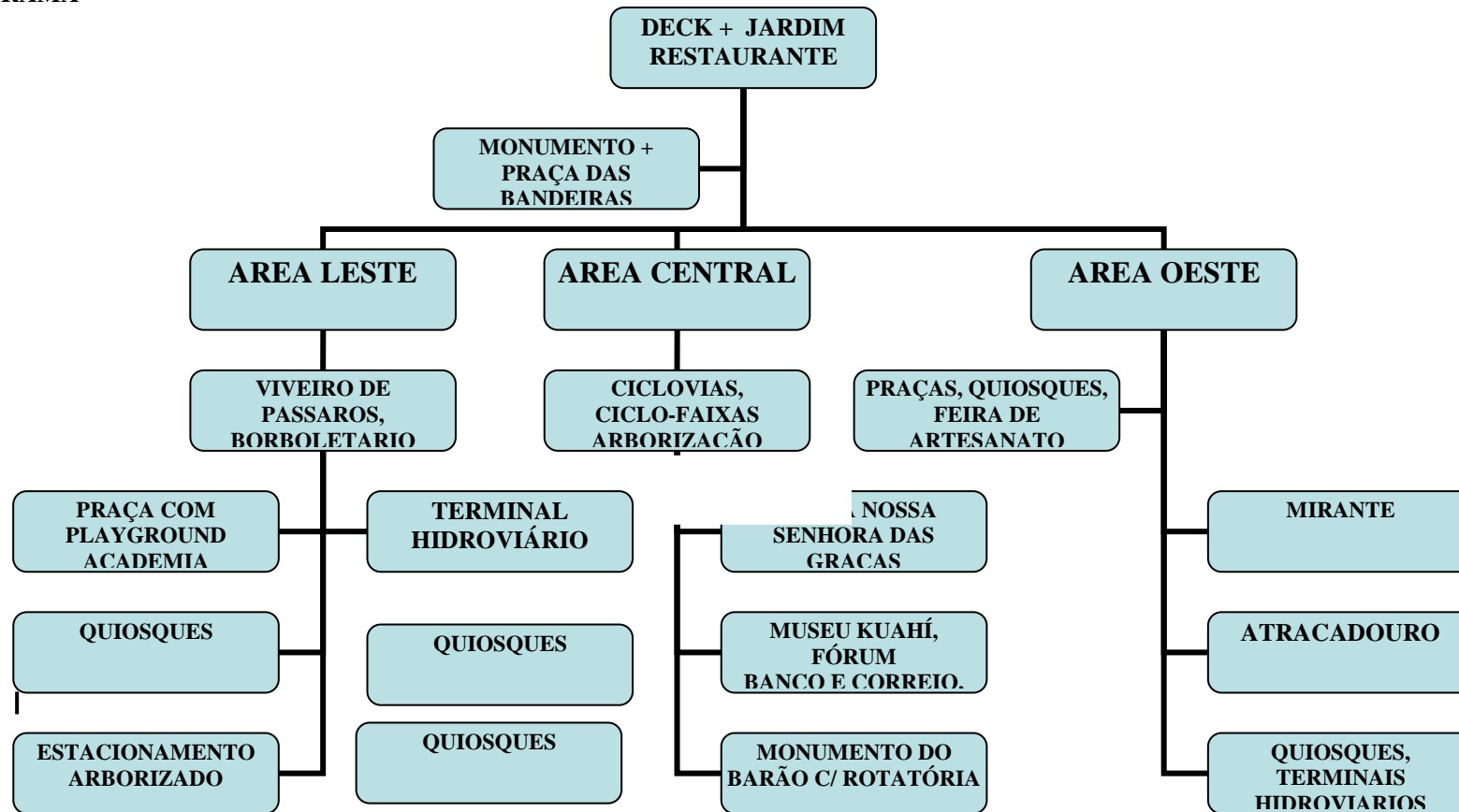
Área Central



Área Oeste



FLUXOGRAMA



MEMORIAL JUSTIFICATIVO

DESCRIÇÃO DA OBRA A SER REALIZADA

- ✚ Uma proposta Paisagística e Urbanística para Orla Urbana do Município de Oiapoque.

OBJETIVOS:

- ✚ O objetivo desta pesquisa é analisar e propor um projeto paisagístico e urbanístico para Orla Urbana do Município de Oiapoque que seja prático, viável, contemporâneo e ao mesmo tempo atenda a demanda turística oferecendo um espaço público útil, agradável e frequentado pela comunidade.
- ✚ Estimular atividades socioeconômicas compatíveis com o desenvolvimento sustentável da Orla.
- ✚ Identificar as deficiências urbanísticas e paisagísticas e mapear as especialidades da flora existentes na da Orla e do seu entorno;
- ✚ Propor um corredor verde e turístico para a cidade

LOCALIZAÇÃO

Fronteira do Brasil com Guiana Francesa a 600 km da Capital Macapá-Ap.

ASPECTOS IMPORTANTES DA ÁREA

NORMAS

Deverão ser seguidas todas as normas aplicáveis da ABNT referentes às Orlas brasileiras e seguir as normas aplicadas PDUO da cidade e futuro Plano Diretor.

MOBILIÁRIO URBANO DA ORLA DE OIAPOQUE

Bancos indígenas (em forma de onça, cobra, arara, jacaré)*

Bicicletário em ferro (em pontos estratégicos do corredor verde e turístico)

Guarda corpo de alumínio e vidro (somente na área do deck)

Guarda corpo de ferro galvanizado (em outras áreas da orla)

Lixeira seletiva

Paradas de ônibus, taxi e moto taxis.

Pergolado/Caramanchão

Placas com identificação e Publicidade

Postes de iluminação (grandes)

Postes de iluminação (menores)

***BANCOS INDÍGENAS**

Serão utilizados na proposta os bancos indígenas das tribos existentes no Município, eles são feitos de madeira como caju, cedro ou marupá e esculpidos nas formas de aves, jacarés, cobra grande, e espadarte (em forma de peixe espada- utilizados pelos Karipuna).

Segundo as tribos indígenas eles representam bichos da natureza e seus espíritos os Karauna.



Fonte : Fotos feitas no Museu Sacaca Google



http://www.institutoiepe.org.br/wp-content/uploads/2008/01/livro_ture_povos_indigenas_oiapoque-iepe.pdf

PAVIMENTAÇÃO DO CORREDOR VERDE E TURÍSTICO

As áreas deverão receber pavimentação de acordo com a planta de piso.

Piso Amadeirado – Área do deck

Piso Concregrama – Área dos Monumento Históricos

Piso Intertravado – Tipo bloquetes (extensão da Av. Barão do Rio Branco)

Piso Intertravado Hexagonal – Áreas dos Monumentos Históricos

Piso Pedra portuguesa – Áreas de academias

Piso indígena Concregrama.

INSTALAÇÕES HIDROSANITÁRIAS

As instalações hidros sanitárias nos banheiros dos quiosques e restaurantes deverão atender as normas brasileiras, através das disposições das NBR, normas de abastecimento de água

fria e do tratamento das águas servidas O abastecimento se efetuará a partir de rede existente e distribuída de forma direta para os banheiros.

Os resíduos sanitários juntamente com as águas servidas serão captados em uma fossa séptica e posteriormente ligados a rede cloacal existente na rua.

As tubulações para as referidas ligações serão da linha marrom para água e a linha branca para esgoto com as respectivas bitolas indicadas em planta.

As emendas dos tubos deverão ser feitas com adesivo próprio e de acordo com as recomendações dos fabricantes.

Quanto aos equipamentos sanitários bacia, mictórios e assento os mesmos deverão ser da linha standard branca

As caixas de inspeção para esgoto serão feitas de tijolo maciço com dimensões 60X60 e profundidade mín. de 50 cm. As tubulações de esgoto terão ventilação com tubo de 75 mm conforme planta.

INSTALAÇÃO ELÉTRICA (RESTAURANTE, LANCHONETE E QUIOSQUES)

As luminárias serão do tipo fluorescente de 2x40w e 2x80w com a utilização de calhas externas.

Todos os circuitos de distribuição de energia terão origem em centros de distribuição onde serão protegidos através de disjuntores Os mesmos serão embutidos nas lajes e paredes ou interligados pelo forro com mangueiras do tipo anti-flan.

Todos os condutores de energia para uso geral serão em cabo singelo, que tenham a marca de conformidade do INMETRO.

QUIOSQUES

Os quiosques serão construídos em formato de ocas estilizadas em toda extensão da Rua José Caetano da Silva e ainda serão agrupados de três em três com única cobertura tensionada.

Cobertura individual: Telha de barro

Esquadrias de vidro e madeira e terá um

Jardim contornando o quiosque

PERGOLADO/CARAMACHÃO

Será construído todo em madeira de lei e no seu interior será contemplado com um jardim com bromélias, bulgavillea e helicônias.

RESTAURANTE REGIONAL

Será construído todo em madeira de lei e ficará na área do deck com funcionamento diário para atender turistas e visitantes

PLAYGROUND E ACADEMIA

Serão construídos 02 playgrounds e 02 duas academias populares na área central próximo ao monumento

PINTURAS (RESTAURANTE, LANCHONETE E QUIOSQUES)

As superfícies em alvenaria deverão receber pinturas para proteção do tipo acrílica sem brilhante sobre selador acrílico.

Os trabalhos de pintura somente poderão ser feitos após serem limpas e lixadas as superfícies.

- As pinturas em madeiras deverão receber as pinturas do tipo esmalte sintéticos.
- As pinturas em ferro deverão ser lixadas e após imprimir duas demãos de tinta anticorrosiva do tipo zarcão, para posterior aplicar as pinturas finais.

A estrutura metálica deverá ser recolocada após a conclusão dos trabalhos sendo que, a estrutura, após limpeza e lixamento, deverá receber retoques da pintura de “primer” nas partes onde foi afetada pelo transporte, armazenamento e montagem, de modo que não ocorra corrosão.

RECONSTITUIÇÃO DAS PARTES AFETADAS

Toda e qualquer reconstituição na área paisagística e urbanística da orla deverá ser feito pela Departamento de Infra estruturada da PMO

MANUTENÇÃO E LIMPEZA

O corredor verde e turístico da Orla Urbana de Oiapoque deverá ser mantido limpo e organizado pela Prefeitura Municipal de Oiapoque, através da coleta diária do lixo produzido nessa área e deverá ser mantido por todos que frequentam a Orla, principalmente pelos moradores locais.

MANUTENÇÃO PAISAGISTICA.

Segundo o *"Manual Técnico de Arborização Urbana"* - São Paulo é preciso levar e consideração alguns princípios básicos para lidar com arborização urbana:

- ✚ *Sempre que possível, consulte o órgão ambiental de seu município que poderá orientá-lo quanto às espécies mais adequadas, os cuidados para plantio e manutenção e a necessidade de consultar outros órgãos (Departamento de Iluminação Pública, Prefeitura e etc.) sobre a existência de rede de água, esgoto, eletricidade, cabos de fibra ótica e outras instalações;*
- ✚ *As medidas apresentadas abaixo servem como referência, mas podem variar de acordo com a região pois podem existir leis municipais específicas para projetos de arborização urbana em sua cidade. Portanto, uma consulta aos órgãos públicos de seu município é fundamental;*
- ✚ *Para o plantio de árvores em calçadas sob a rede elétrica devem-se utilizar árvores de pequeno porte (de 4 a 5 m de altura na fase adulta e com raio de copa em torno de 3m) que também são ideais para calçadas estreitas com até 2,5m e ausência de recuo predial. Nesse caso, deve-se utilizar um canteiro ou faixa permeável de 2m²;*

- ✚ *Para árvores de copa de diâmetro em torno de 8m (copas grandes) o canteiro ou faixa permeável deve ter 3m²;*
- ✚ *Não é recomendado o plantio de árvores em calçadas muito estreitas (menor que 1,50m);*
- ✚ *Segundo a NBR 9050/94 o espaço mínimo para o trânsito de pedestres na calçada deve ser de 1,20m;*
- ✚ *Se a calçada for mais larga, maior que 2,50m, houver recuo predial e não houver fiação elétrica, podem ser utilizadas árvores de médio porte;*
- ✚ *Árvores de médio e grande porte podem ser utilizadas em locais com fiação elétrica desde que não sejam plantadas no alinhamento da rede e tenham sua copa conduzida desde cedo acima da rede (também existe a opção da poda em “V” ou em “furo”);*
- ✚ *Árvores de grande porte são mais adequadas para parques, rotatórias, praças e outros locais com mais espaço. No entanto, em calçadas com largura superior a 3m e sem fiação elétrica elas também podem ser utilizadas;*
- ✚ *As árvores não devem interferir na iluminação pública, na visualização de placas e sinalização de trânsito;*
- ✚ *Devem-se evitar espécies venenosas ou tóxicas e com espinhos e dar preferência aquelas de flores e frutos pequenos;*
- ✚ *Dar preferência a espécies resistentes e de crescimento rápido e com raízes que não prejudiquem o calçamento (evitar, por exemplo, espécies com raízes aéreas);*
- ✚ *As mudas plantadas em vias públicas devem obedecer as seguintes medidas: altura de 2,50m; diâmetro a altura do peito (DAP) de 0,03m; altura da primeira bifurcação de 1,80m;*
- ✚ *Algumas medidas que devem ser respeitadas no plantio de árvores em vias públicas:*

Fontes:

<http://www.ambientebrasil.com.br/composer.php3?base=./urbano/index.html&conteudo=./urbano/arborizacao.html>

5.4 – A PROPOSTA E SUA IMPORTÂNCIA

Tendo como base o modelo parque do paisagismo ecológico de Fernando Chacel este capítulo apresenta uma proposta paisagística e urbanística para a Orla Urbana do Município de Oiapoque, evidenciando seus potenciais turísticos, culturais e econômicos. Tal proposta também se baseia-se nas limitações sociais do entorno, de forma que haja uma harmonização e integração entre os principais pontos turísticos da Orla e Rua Barão de Rio Branco.

A proposta compreende uma área total de 1 km e 727,31 mt². Sendo distribuídos em áreas leste, oeste e central, sendo este o foco de nossa pesquisa. No sentido leste/oeste percorrendo a extensão da Avenida Jose Caetano da Silva, ocupa uma área de 1 km e 132 mt² enquanto a área central, sentido norte/sul, extensão da Rua Barão do Rio Branco, ocupa uma área de 595,30 mt².

O projeto pode ser considerado como um grande Corredor Verde por preservar as diversas espécies existentes nesse trecho, entre elas as bacabeiras, os açaizeiros, os coqueiros, os ingazeiros, as Jaqueiras, os Babaçus e inserir em seu paisagismo outras espécies da região, além de um Corredor Turístico, por abranger todos os principais pontos turísticos e instituições importantes da cidade como o Monumento Histórico: ``Aqui começa o Brasil``, o Monumento Barão do Rio Branco, a Igreja Nossa Senhora das Graças, o Mercado Central, o Museu Kuary, o Fórum, o Banco do Brasil, a Prefeitura, a Companhia de água e esgoto, o Ciosp, o Ministério Público, Agência dos Correios, a Delegacia de Polícia Federal e a Ponte Binacional. A área em questão está situada em uma posição estratégica, na divisa do Brasil e Guiana Francesa, considerada área de fronteira, é sem dúvida uma área que possui imenso potencial econômico, cultural, social, de lazer, entretenimento e turístico para o Município de Oiapoque.

Começando o circuito pela área leste, o turista poderá visitar o viveiro de pássaros, o borboletário, o orquidário, o espaço verde e conhecer espécies típicas da fauna e da flora dessa região norte do país, degustar de lanches regionais na lanchonete da praça, conhecer os quiosques projetados em forma de ocas com vista para o Rio Oiapoque⁹, conhecer o primeiro Píer para atracação de pequenas embarcações e a primeira estação hidroviária com box e venda de ingressos para visitação ao viveiro de pássaros, orquidário, espaço verde ou simplesmente fazer um passeio de catraios no rio Oiapoque até a Ponte Binacional e adjacências. Nesta área existe grande quantidade de plantas nativas da região (buritis, bacabeiras, aningas, açai, palmeira imperial, bambu, jaca da Bahia, pupunheiras). Foram mantidas nesta área somente as árvores de buritis, bambu e aningas próximos ao

borboletário, orquidário e espaço verde e em toda extensão da área leste foram utilizadas os açazeiros (*Euterpe oleraceae*), as palmeiras imperiais (*Roystonea Oleracea*) e algumas árvores de bacabeiras para o sombreamento.

A área central é o objeto de estudo dessa pesquisa e foi pensada uma arborização diferenciada das demais áreas. Foram mantidas as palmeiras imperiais, intercalados ao açazeiro (*Euterpe oleraceae*) em torno do píer e restaurante na frente da orla, algumas palmeiras areca bambu (*Dypsis lutescens*) nas calçadas e na avenida barão do rio branco. Nesta área está localizado o Monumento Histórico “Aqui começa o Brasil”, que será o ponto central do circuito turístico devido sua importância histórica, social e turística, e é o monumento que melhor identifica a cidade, este será contemplado um uma praça contendo as bandeiras de

todos os estados brasileiros com destaque à Bandeira Nacional, um pergolado com jardim de bromélias, lantanas, helicônias e um deck com jardim aquático e levada para melhor contemplação da paisagem, além de visualizar as espécies aquáticas vitórias régias, os aguapés, os mururés, conhecer o restaurante regional, onde os turistas terão a oportunidade de degustar de uma boa música ou comida típica da região, na sequência do passeio turístico, visitaçãõ as praças da Orla, que terão academia popular para prática de esportes, play ground infantil para diversão das crianças, lanchonete ou ainda visitaçãõ aos quiosques localizados no entorno do monumento.

É importante ressaltar que o turista tem duas alternativas neste circuito, continuar o passeio até o final da Orla ou desviar o percurso e adentrar a Avenida Barão do Rio Branco até a rotatória da Rua Norberto Penafort neste percurso ele terá a oportunidade de caminhar pelas ciclovias arborizadas, com espécies nativas e exóticas da região, visualizar outros pontos turísticos que estão inseridos nessa área como a Igreja de Nossa Senhora das Graças, um dos mais antigos pontos turísticos da cidade, o Museu kuahí, o Fórum, o Banco do Brasil a Estação de Tratamento de Água do Município, o Correio, a Delegacia de Polícia Federal, lojas, farmácias, restaurantes e retornando pela Avenida Barão do Rio Branco.

No paisagismo destacamos os ipês amarelos (*Tabebuia Achracea*), ipês brancos (*Tabebuia Achracea*), e ipês roxos (*Tabebuia Achracea*), intercalados com as palmeiras imperiais (*Roystonea Oleracea*) que darão um visual exuberante na paisagem do lugar.

A terceira parte denominada área oeste, começando na Avenida Barão do Rio Branco até o final da Rua Jose Caetano da Silva o turista terá a oportunidade de parar nas Feirinhas de

Artesanato, adquirir artesanatos típicos da região, valorizando e divulgando a cultura local e na sequência do circuito visitação aos quiosques com contemplação ao rio Oiapoque, conhecer a praça e feirinha do pescador próximo ao Atracadouro para barcos maiores, e finalizando o passeio temos o Mirante que proporcionará uma bela visão para à Ponte Binacional, o novo ponto turístico que ainda não foi inaugurado. Para a arborização desta área oeste foram mantidos as árvores existentes de buritis (*mauritia fleuxuosa*), os açaizeiros (*Euterpe oleraceae*), as mangueiras (*mongifena inolica*) e palmeiras imperiais.

Durante o percurso terrestre pela Orla o turista poderá percorre toda a extensão das Ruas: Jose Caetano da Silva e Rua: Barão do Rio Branco que foi readequada para atender ao fluxo de pessoas praticantes de caminhadas e corridas na calçada da Orla, com iluminação, pavimentação, sinalização e arborização adequada.

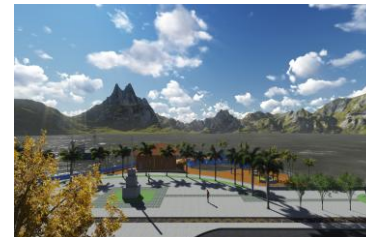
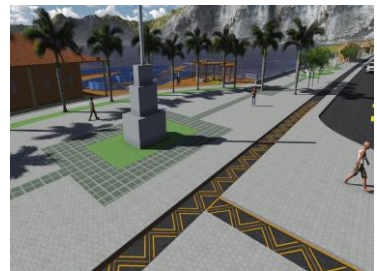
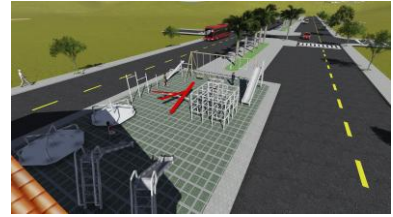
A proposta urbanística está direcionada para o entorno desse corredor verde e turístico, que envolve a padronização das calçadas com acessibilidade, rampa e piso tátil, iluminação adequadas, construção de duas pontes uma em madeira (área oeste) e outra em concreto (área leste), ciclovias, ciclo faixas e mobiliário urbano incluindo bancos indígenas das tribos locais, lixeiras seletivas, ponto de ônibus, bicicletário, placas com sinalização e identificação, paisagismo com palmeiras areca bambu nas calçadas e forração de lantanas amarelas, além de grama amendoim que dará um colorido diferenciado no paisagismo.

Ressalta -se que antes do projeto, a BR 156 era o ponto principal para prática de caminhadas ao ar livre e com a criação deste corredor verde e turístico, a comunidade, os visitantes e turistas terão uma nova opção para esportes, entretenimento e lazer com condições adequadas e sem colocar em risco suas vidas, além de desfrutar de um paisagismo exuberante.

O Projeto foi pensado primeiramente para atender somente o Paisagismo da Orla ao longo da pesquisa foi detectado que não bastava somente o paisagismo, era precisar pensar o também o entorno da orla, e propor soluções viáveis, práticas, contemporâneas, que contemplasse a todos, gerando turismo, renda e economia para de cidade de Oiapoque.

⁹ **Rio Oiapoque** é um rio do Brasil e Guiana Francesa, que no Brasil banha o estado do Amapá. Em seu trajeto, é também chamado de *Oyapock*, *Iapoco*, *Iapoc*. Entre os séculos XVI e XVIII, foi chamado ainda de *rio de Vicente Pinzón*, em homenagem a Vicente Yáñez Pinzón, navegador espanhol que teria descoberto a sua foz. Nasce na Serra Tumucumaque (ou Tumuc-Humac) e vai desaguar no Oceano Atlântico, percorrendo cerca de 350 km. Ao longo do seu percurso, delimita a fronteira entre o Brasil e a Guiana Francesa.

5.4 – A VOLUMETRIA



CONSIDERAÇÕES FINAIS

Levando em consideração toda a problemática envolvida no decorrer do trabalho, como infraestrutura, paisagismo, urbanismo, espaço público de lazer para Orla de Oiapoque chegou-se as seguintes conclusões a hipótese foi confirmada, todos os objetivos propostos foram alcançados, principalmente a proposta de criar um projeto paisagístico e urbanístico para Orla urbana de Oiapoque, foi considerada viável, contribuindo com a renda e econômica da cidade, valorizando a cultura local, propiciando espaços úteis, agradáveis e planejados, valorizando a fauna, a flora através do corredor verde e turístico formado ao longo do projeto.

A proposta é sem dúvida importante para a cidade de Oiapoque por entender que a cidade não dispõe de um corpo técnico na prefeitura capaz de projetar novas áreas nem de recursos para contratar projetos de arquitetura.

A metodologia utilizada deu subsídio para alcançar os objetivos propostos de realizar um projeto paisagístico que será apresentado para órgãos públicos futuramente. Espera-se que a apresentação dessa proposta na prefeitura possa ao menos abrir o debate para reformas urbanas que pensem o espaço público de forma digna e adequada, com toda infraestrutura necessária para atender os interesses da comunidade.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- Atlas das unidades de **Conservação da Natureza do Estado do Rio de Janeiro**. São Paulo: Metalivros, 2001
- ASCHER, François. **Os novos princípios do urbanismo**; tradução e apresentação Nadia Somekh. São Paulo: Romano Guerra, 2010.
- AB’SÁBER, Aziz Nacib. **Os Domínios de Natureza no Brasil**: potencialidades paisagísticas. São Paulo: Ateliê Editorial, 2003
- BOTELHO, Lina Pereira - **Evolução Urbana da Cidade de Macapá: Análise do Perímetro da Fortaleza de São José de Macapá ao Araxá no período de 1950-2010**. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação) – Universidade Federal do Amapá, Curso de arquitetura e urbanismo, 2011
- BUENO, Eduardo. **Brasil: uma história**. 2ª ed. revista. São Paulo: Ática, 2003.
- CAMPOS CURADO, Mirian Mendonça: **Paisagismo Contemporâneo no Brasil: Fernando Chacel e o conceito da Ecogênese**, Arquiteta e Paisagista autônoma, graduada pela UCG, com Especialização em História da Arte e Arquitetura no Brasil pela PUC-Rio e Mestre em Urbanismo pelo PROURB/ UFRJ, 2007
- CORDEIRO, Nathalia França. **Os princípios da sustentabilidade urbana aplicada às pequenas cidades; um estudo sobre Calçoene e Oiapoque (AP)**. Trabalho de conclusão de curso (Graduação) – Universidade Federal do Amapá, Curso de Arquitetura e Urbanismo, 2011
- CITTADIN, Ana Paula. Laguna, **Paisagem e Preservação: o patrimônio cultural e natural do município. 2010**. 199 p. Dissertação (Mestrado em Arquitetura e Urbanismo) – Programa de Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo, UFSC, Florianópolis, 2010.
- _____; MOREIRA, Morvan de M. **As migrações na Região Norte em período recente: uma abordagem preliminar**. Manaus: FJN/IESAM, 2002.
- CHACEL, Fernando. **Paisagismo e Ecogênese**, Rio de Janeiro: Editora Fraiha, 2001.
- GAMA, Antonio Pereira, LEITÃO, Jean e SANTOS Keila – **Intervenção Urbanística e Paisagística na Bacia de Acumulação do Igarapé das Pedrinhas: a recuperação de áreas naturais de inundação como alternativa de lazer e turismo**. Trabalho de Conclusão de Curso (graduação) Universidade Federal do Amapá, Curso de Arquitetura e Urbanismo, 2013
- JACOBS, Jane. **Morte e vida de grandes cidades**. São Paulo: Martins Fontes, 2000.

- IBGE**, Instituto Brasileiro de Geografia e Estatísticas. Estudos e Pesquisa: Informação Econômica – **Economia do Turismo Uma Perspectivas Macroeconômica**. Ministério do Planejamento, Orçamento e Gestão, Brasília, 2012
- FERREIRA**, Luiz Fernando e Coutinho, Maria do Carmo Barêa. **Ecoturismo: Visitar para conservar e desenvolver a Amazônia**. Brasília: MMA/SCA/PROECOTUR, 2002.
- PELAES; Fátima Maria Andrade - **Percepção da Paisagem Urbana no corredor transfronteiriços: do Porto de Santana a Cayenne**. Macapá - Amapá, 2011
- LAMAS, José M. Ressano Garcia. **Morfologia urbana e desenho da cidade**. s/l: Fundação Calouste Gulbenkian, 1992. 13
- LIMA, Josana de Oliveira. **Sustentabilidade Ambiental na Atividade Turística: Um olhar sobre o Projeto Orla**. Universidade de Brasília – Centro de Excelência em Turismo (Monografia), 2007.
- MASCARÓ, Juan Luis; MASCARÓ, Lucia. **Vegetação Urbana**. 3 ed. Porto Alegre: Masquatro, 2010
- MACEDO, Silvio Soares - **Parques Urbanos no Brasil**- coleção Quápar Brasil
- MEDEIROS, José Marcelo Menezes. **Visões de um Paisagismo Ecológico na Orla do Lago Paranoá**. 200 p., 297 mm (UnB- FAU, Mestre, Arquitetura e Urbanismo, 2008) – Dissertação de Mestrado. Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, Universidade de Brasília, Brasília.
- MELLENDEZ de Adilson Texto sobre a **Orla de Curitiba** publicado originalmente em PROJETO DESIGN. Edição 396 Fevereiro de 2013
- MENEGUETTI, Karim, et al. **A natureza no cotidiano urbano – o projeto da paisagem na cidade de Maringá**, Acat. Sci. Technol. Maringá, v.27, n.2, p. 167-173, July/Dec.2005
- MOURA, Hélio A. de. (Org.). **A pesquisa social na Amazônia: avanços lacunas e prioridades**. Recife: Massagana, 1996.
- MUMFORD, Lewis. **A Cidade na historia**. Belo Horizonte: Itatiaia, 1965. v.1. p.13.
- NASCIMENTO, Oscarito Antunes do. **Implicações do Contexto da Zona de Fronteira/BR – 156/ Ponte Binacional na configuração da Paisagem Urbana de Oiapoque**
- PORTO, Jadson Luis Rebelo e NASCIMENTO, Durbens Martins. **Interações Fronteiriças no Platô das Guianas: novas construções, novas territorialidade**. Macapá: Editora, 2010
- PONTE, Juliano Pamplona Ximenes. **A orla de Belém: Intervenções e Apropriação**. Dissertação do Curso de Mestrado do Programa de Pós-Graduação em Planejamento Urbano e Regional da Universidade Federal do Rio de Janeiro – UFRJ, 2004

PROJETO ORLA: **Fundamentos para Gestão Integrada**. Brasília: MMA/SQA; Brasília: MP/SPU, 2002.

_____: **subsídios para um projeto de gestão**. Brasília: MMA e MPO, 2004.

RODRIGUES, Edgar – Jornalista, e-mail edgar@amapadigital.net

SILVA, Gutemberg Vilhena. et al. **Observatório para o empreendedorismo sustentável e integração bilateral entre Amapá (Brasil) e Guiana Francesa (França)**. Relatório Técnico. Macapá: Banco da Amazônia, 2011.

TAMAGNO, Rosana. **Definição de Zonas Homogêneas a partir de Informações Edafo-Ambientais**. Florianópolis, 2003. 125p. Dissertação (Mestrado em Engenharia Civil) – Programa de Pós-Graduação em Engenharia Civil, Universidade Federal de Santa Catarina.

TEIXEIRA, Elizabeth. **As Três Metodologias: Acadêmica, da Ciência e da Pesquisa**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2008.

TOSTES, José Alberto. **Planos diretores do estado do Amapá: uma contribuição para o desenvolvimento regional**. Série Arquitetura e Urbanismo na Amazônia. Macapá-AP, Tostes, 2006.

Urbanização das cidades brasileiras. Embrapa Monitoramento por Satélite. Página visitada em 30 de Julho de 2008.

<http://www.vejanomapa.com.br/calcao-de-copacabana-rio-de-janeiro-rj>

<http://www.arcoweb.com.br/arquitetura/jaime-lerner-arquitetos-associados-parque-orla-guaiba-porto-alegre-20-05-2013.html>

<https://www.google.com.br/search?q=orla+de+macap%C3%A1&tbm>

<http://arquitetura-ap.blogspot.com.br/2011/11/sobre-orla-urbana-de-macapa.html>

<http://piadaliivreap.blogspot.com/p/oiapoque.html>

<http://arquitetura-ap.blogspot.com.br/2011/11/sobre-orla-urbana-de-macapa.html>

<http://minhasfrutas.blogspot.com/2008/12/glossario-do-aa.html>-GOMES. Wandemberg,

APÊNDICES

PRANCHAS

PLANTA BAIXA GERAL DA ORLA DE OIAPOQUE.....	1/6
PLANTA GERAL DA AREA EM ESTUDO (área central)	2/6
PLANTA DE PISO DA ORLA DE OIAPOQUE.....	3/6
PLANTA DE PAISAGISMO.....	4/6
PLANTA DE DETALHAMENTO.....	5/6
PLANTA DE DETALHAMENTO VOLUMETRIA.....	6/6